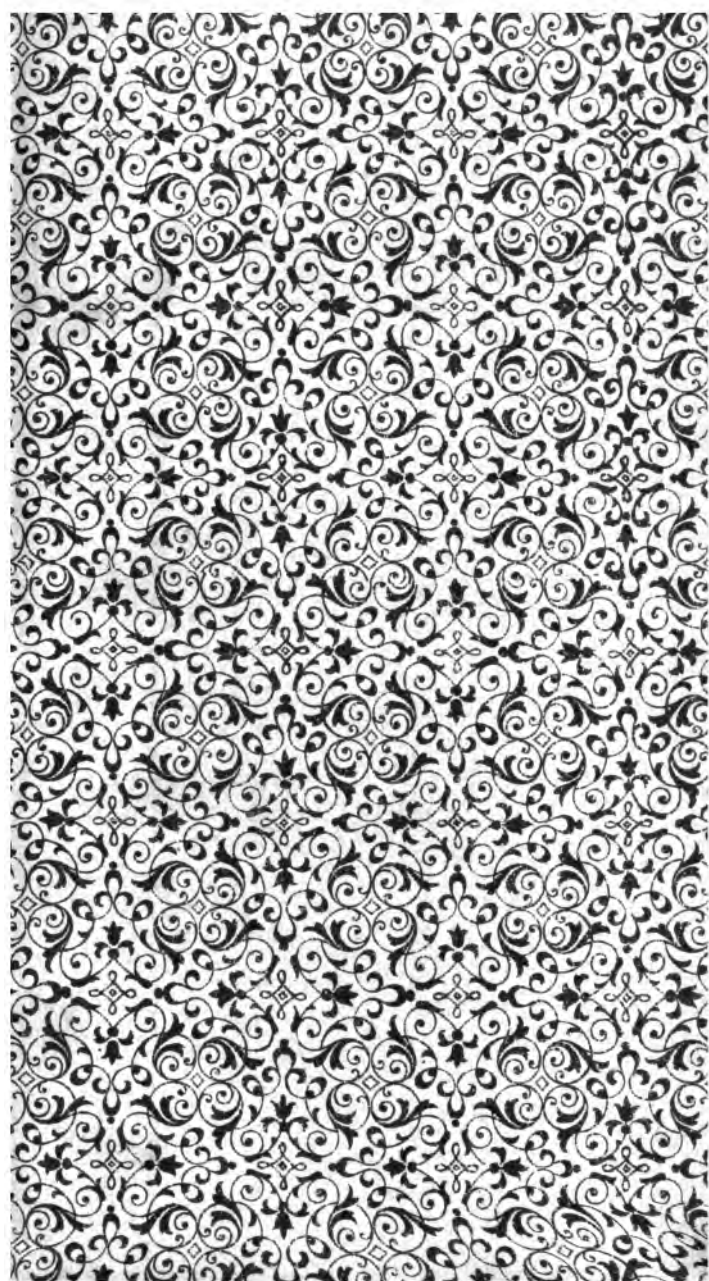
...mpletas

...de A. F. de Castilho

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
SOCIEDADE EDITORA
LIVRARIA MODERNA || TYPOGRAPHIA
95, R. AUGUSTA, 95 || 35, R. IVENS, 37
LISBOA

OBRAS COMPLETAS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 13.º

VOLUMES PUBLICADOS:

I — Amor e melancolia.
II — A chave do enigma.
III — Cartas de Ecco e Narciso.
IV — Felicidade pela agricultura (1.º vol.)
V — Felicidade pela agricultura (2.º vol.)
VI — A primavera (1.º vol.)
VII — A primavera (2.º vol.)
VIII — Vivos e mortos — Apreciações moraes, litterarias, e artisticas.
IX — Vivos e mortos (2.º vol.)
X — Vivos e mortos (3.º vol.)
XI — Vivos e mortos (4.º vol.)
XII — Vivos e mortos (5.º vol.)
XIII — Vivos e mortos (6.º vol.)

NO PRÉLO:

XIV — Vivos e mortos (7.º vol.)

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO

Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos

XIII

VIVOS E MORTOS

APRECIAÇÕES
MORAES, LITTERARIAS, E ARTISTICAS

VOLUME VI

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade Editora
LIVRARIA MODERNA — Rua Augusta, 95
TYPOGRAPHIA — 45, Rua Ivens, 47
1904

SUMMARIO

CXXVI

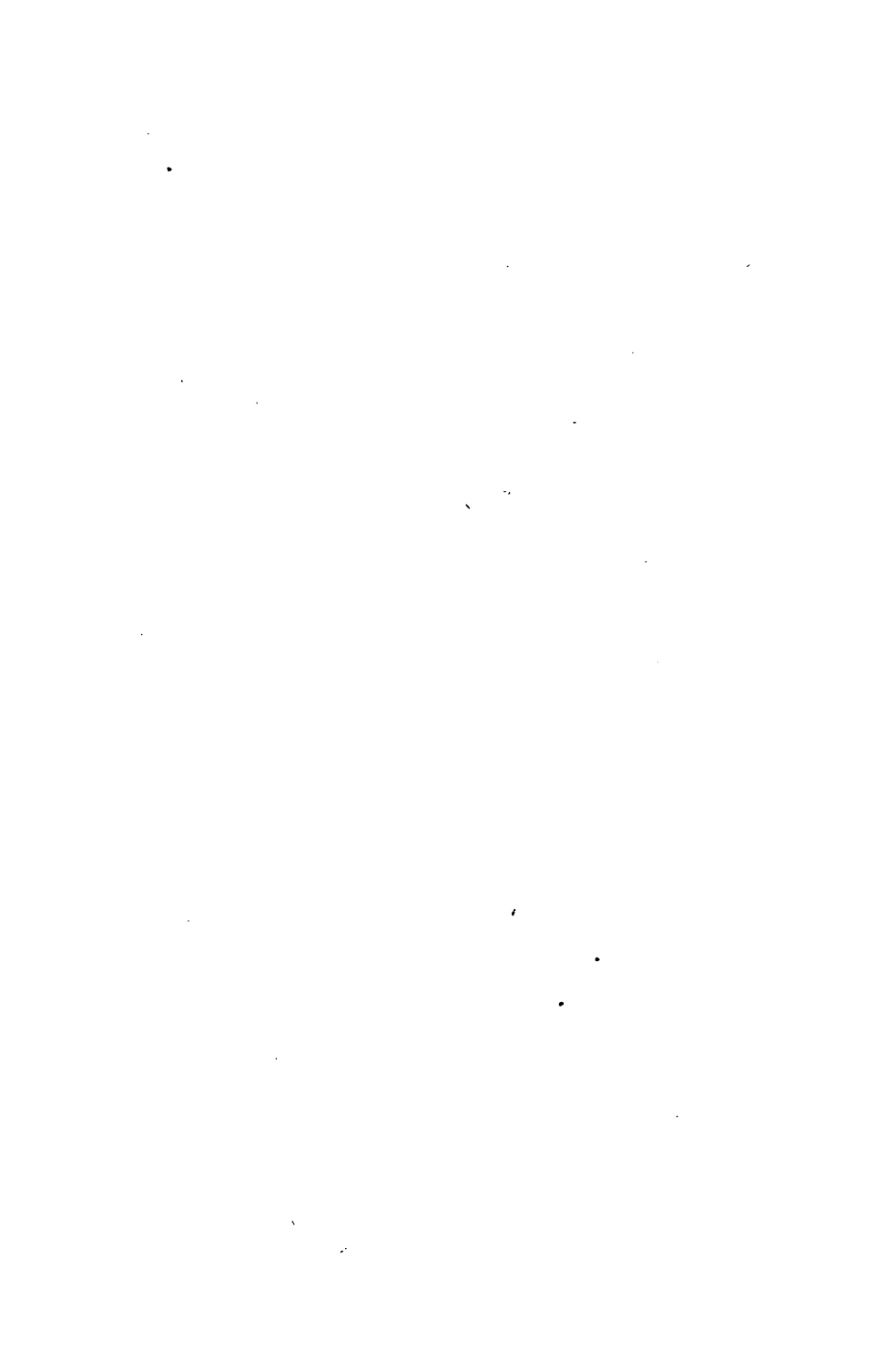
MIRAGAIA

(Maio de 1844)

Repartiu o snr. Garrett pelos seus amigos, em cujo numero (assim como no muito maior dos seus admiradores) folgamos nós de ser contados, o seu romance de *Miragaia*, primeiro impresso no *Jornal das Bellas-Artes*, e agora para este fim reimpresso avulso em um folheto de 19 paginas em 4.°.

Este opusculo não é só notavel pela graciosa e sincera naturalidade do seu estylo, e pelo profundo cunho de *xácara*, ou lenda poetica popular: a sua execução typographica, as quatro peregrinas gravuras em madeira, a belleza do papel, e o assetinado das paginas, tudo contribue para tornar esta obra um formoso monumentinho dos rapidos progressos que entre nós começam de fazer as Artes.

A *Miragaia* pertence, como o autor adverte a principio, á collecção do seu *Romanceiro*, em que a seu tempo ha-de ser encorporada.

(*Rev. Univ.*)

CXXVII

POR QUE ESTÁ CAMÕES NA BERLINDA

(Maio de 1844)

Diz-se que se tenciona ordenar á Academia das Bellas-Artes de Lisboa, que faça executar em marmore, e de grandeza colossal, a estatua de CAMÕES riscada pelo Lente de escultura da mesma Academia, o snr. Francisco de Assis Rodrigues, para ser imposta, como remate, no alto da frontaria principal (isto é, no alto da ilharga direita) do theatro *agrião.*

Seja-nos licito duvidar da veracidade do boato, em quanto se nos não mostrar o que ha de commum entre CAMÕES e a Arte dramatica; porque as comedias de *Amphitrião* e de *El-Rei Seleuco,* não cuidamos que haja ahi quem as encorpóre entre os titulos de gloria do Autor dos *Lusiadas.*

Com egual propriedade o poderiam collocar sobre o hospital dos doidos, por ter escrito umas trovas que se intitulavam *Disparates na India*, ou em cima da porta do ce-

miterio, por ter feito um soneto, que principiava

Alma minha gentil, que te partiste.

Rematar o theatro portuguez (*portuguez* com licença dos *Italianos*) com um Poeta epico, deixando no esquecimento GIL VICENTE sobretudo, e ainda (depois d'elle) ANTONIO FERREIRA, JORGE FERREIRA DE VASCONCELLOS, e ANTONIO PRESTES, seria commetter uma injustiça, e deixar á geração seguinte, para emendar, um erro do pezo de muitos quintaes, depois (já se sabe) de bem e devidamente chasqueados pelos viajantes e *turistas* estrangeiros, que não deixariam de ir á Bibliotheca publica pedir para verem os dramas inéditos de CAMÕES.

Que levantem, muito embora, a CAMÕES uma estatua de marmore ou de bronze, se quizerem e poderem, e que a ponham na praça do seu nome. Outro tanto fizeram, pouco ha, os Castelhanos ao seu Camões da novella e da prosa, ao seu Miguel de Cervantes; mas em cima do theatro, seria uma adivinhação de muito mau gosto.

Confiamos na illustração do Governo de Sua Majestade, que tal se não ha-de permittir, quanto mais determinar.

(*Rev. Univ.*)

CXXVIII

O LIVRO DE OIRO

(Maio de 1844)

Quando a 7 de Julho de 1842, sob o titulo de *Livro de oiro*, annunciavamos as *Meditações, ou discursos religiosos*, já lhes prognosticavamos, como coisa muito certa e muito merecida, um grande numero de edições; e com effeito, a 18 de Janeiro d'este anno tivemos que annunciar a segunda, e já hoje a terceira nos apparece.

De edição para edição tem o autor, o snr. Rodrigues de Bastos accrescentado notavelmente um livro, que já, como tinha nascido, se podia reputar classico no seu genero; ¡e que genero tão importante que é o seu!

Na segunda vez que d'elle faláramos, haviamos promettido ir enriquecendo a nossa folha com alguns artigos colhidos d'ali. O afôgo e urgencia de outros artigos originaes só nos tem até hoje permittido trasladar um de seus capitulos, o do *suicidio*, que n'este volume se leu a paginas 419. Ficámos

anciosos de poder tomar-lhe outros brevemente, e em particular o do *duello*, porque é difficil que um espirito, que não seja inteiramente perdido, resista a uma philosophia tão eloquente, e a uma eloquencia tão ungida, como a do nosso autor.

E' para nós de summa satisfação o considerarmos que o destino das *Meditações, ou discursos religiosos*, se tem ido preenchendo, qual desde o primeiro momento lh'o auguráramos. Ha muito que estão traduzidas em francez. Depois do nosso, quasi todos os jornaes sizudos as recommendaram como de grande valia e préstimo; e «Prelados mui zelosos chegaram a prover-se de grande quantidade de exemplares d'ellas, para gratuitamente as distribuirem pelos ordinandos e pelos parochos».

Depois d'isto tudo, o pae de familias, que não procurasse ter este livro em casa para uso de seus filhos, só se eximiria de uma grande responsabilidade moral, por uma profissão franca e positiva de bruteza.

(*Rev. Univ.*)

CXXIX

POESIA LATINA

DO SNR.

FRANCISCO ANTONIO MARTINS BASTOS

(Junho de 1844)

Cahidas, como estão, em desuso e despreso as Musas Latinas, é quasi heroico o compôr e imprimir um livro, em que nada mais se encontre senão isso. O snr. Martins Bastos o ousou, e já por isto é elle crédor de admirações.

Eis aqui o titulo e o conteudo do seu opusculo, que nós acabamos de ler com a devida attenção.

Francisci Antonii Martins Bastos
Hibernico Beati Patricii in Collegio linguae latinae professoris
CARMINA

Comprehende esta obra, nas 46 paginas de que se compõe, depois de uma dedicatoria em prosa *Josepho Ignatio Andrade, doctissimo epistolographo*, e de uma Prefação, tambem em prosa :

1.º—Prælusio poetica;
2.º—Maria II, faustissimo ejus natalitio Ecloga;
3.º—Ad Ferdinandum II, faustissimo ejus natalitio, Ecloga;
4.º—Ferdinando II, faustissimo ejus natalitio, Ecloga;
5.º—Beatissimo Gregorio XVI, Ecloga;
6.º—Ornatissimo atque sapientissimo Silvestri Pinario Ferrerio, Pacificorum Academiæ Præsuli facto, Ecloga;
7.º—Mariæ Virginis in solemnissimo Assumptionis festo;
8.º—Mariæ Virginis septem dolorum in solemnitate;
9.º—Jesu Christi solemnissimo in natalitio, Ecloga;
10.—Publii Virgilii Maronis in mortem, Ecloga;
11.º—Jesu Christi in resurrectione glorio sa, Ecloga;
12.º—Epitaphium;
13.º—Joanni Statio Mourato, Epitaphium;
14.º—Josepho Joaquino a Regibus Vasconcellio, Epigramma;
15.º—De Emilia et de Leonido.

Não nos deteremos a analysar a substancia propriamente poetica d'esta obra; tempo, espaço, e talvez competencia, tudo para isso nos fallece, contentando-nos n'esta parte com dizer que, ao revéz dos zoilos, de quem o autor se queixa por lhe exprobrarem o tomar a miudo de Virgilio, nós folgamos com a fidelidade da memoria do snr. Bastos, que tão frequentemente nos repro-

duz hemistichios e versos inteiros d'aquelle poeta, amores nossos.

O nosso intuito é outro: é dizer summariamente o que pensamos acerca, não da Linguagem Latina (que, sendo mestre d'ella ha muitos annos, melhor do que nós a deve conhecer o snr. Bastos), mas a respeito da execução metrica. Esta, em nossa opinião, não é o que podéra, nem o que devêra ser. Podemos errar, mas diremos com liberdade o que sentimos; porque a adulação em materias litterarias, havemol-a por culpavel, sobre vergonhosa; e não tememos que o snr. Bastos se offenda com reparos, que não são ditados, senão pelo muito amor que temos, assim como elle, á Poesia classica da nossa creação.

Parece-nos, pois, que em geral não ha, entre os pés d'estes hexametros o necessario travamento, quasi constantemente observado pelos bons poetas, e recommendado por todos os preceptistas.

Logo o verso 1.º, o 3.º, e o 4.º

Jam nox pallida cælo lucida sidera pascit,
Cordaque irrigat, altaque spirat somnia menti,
Munere divum tempore quando dulcia carpens,

são tres notaveis exemplos d'isto. Em todos estes versos cada um dos seis pés abrange palavra inteira, ficando assim desligado do antecedente e do seguinte.

Os hemistichios tambem não são, pelo commum, devidamente marcados; o que bem sabe o autor quanto pela continuação chega a cançar aos costumados com Virgilio e Ovidio, e ainda com os poetas de segunda

ordem, Stacio, Lucano, Claudiano, Valerio Flacco, Silio Italico, e todos.

Finalmente, levado atraz do pensamento, e escrevendo por ventura com demasiada facilidade, as quantidades nem sempre são attendidas pelo autor. Eis aqui algumas poucas provas; não sahiremos da *Prœlusio poetica:*

Verso 3.º

Cordaque irrigat, altaque spirat somnia menti.

O 1.º pé não pode ser *cordaque*, porque o *que* tem de ser necessariamente absorvido pela concorrencia de vogaes na 1.ª syllaba do *irrigat;* logo, o 1.º pé é espondeu; mas ¿como *espondeu*, se a ultima de *corda* é necessariamente breve, o que o torna choreu ou trocheu?

Verso 6.º

Tum mihi fulvus Apollo ab astris visus adesse.

Ab é breve, e vem aqui trazido como longa, para remate do 3.º pé, que é espondeu.

Verso 10.º

Lingua quando Latina silet, componere versus.

A ultima de *lingua*, visto não estar em ablativo, não pode ser senão breve; mas aqui está como longa; salvo se de *lingua* se quizesse fazer um trissyllabo dactilo, do que não ha um só exemplo (que nós saibâmos) em poeta latino de boa ou má nota.

Todas estas observações, porém, não provam senão a grandissima difficuldade de metrificar em uma lingua extranha, e tal lingua como esta; pois que nem um tão assiduo

estudo, como o do snr. Bastos, se poude eximir d'estes peccadetes.

O que nós pediriamos ao nosso autor, se o ousassemos, era: que em vez de malbaratar o seu precioso tempo em escrever o que ninguem lê, *Lingua quando latina silet,* continuasse pelo contrario a passar os poetas Latinos para o nosso idioma, como já fez a Persio e a Juvenal; traducções, que não chamaremos perfeitas, porque traducções perfeitas (e mais d'aquelles escritos) não cremos que as possa haver, mas que, em nosso conceito, possuem um merito não vulgar, e são, d'entre as obras até hoje publicadas pelo snr. Bastos, as que mais longamente hão-de viver.

(*Rev. Univ.*)

CXXX

SOBRE A VERSIFICAÇÃO LATINA

(Resposta de Martins Bastos ao artigo antecedente)

(Junho de 1844)

Carta ao Redactor da *Revista Universal Lisbonense.*

Ao ler a judiciosa critica, que de meus versos latinos V. publicou em a *Revista Universal Lisbonense*, n.° 42, artigo 3:019, não deixei de exultar, por ver que uma obra tão insignificante mereceu a sua attenção; e agradecendo a V. as ditas reflexões, que sobre alguns de meus versos faz, não posso deixar de dizer alguma coisa, para que as pessoas que não teem conhecimentos de latinidade me não considerem ignorante completo da materia, que ensino desde 15 de Junho de 1837, e que estudo desde 4 de Outubro de 1819. Portanto o que vou a dizer, não é para contrariar a V. , mas para mostrar em que rasões me fundei para compôr esses versos.

Que eu mesmo não approvo a *Prœlusio poetica,* se vê d'estas palavras do meu prologo, paginas 7: *multa in Prœlusione poetica cum tamen expolire potuissem, ea ut erant imperfecta relinquo, melius ut hœc ab iis quœ sequuntur discerni possint.* Perdôe V. que eu traduza, para intelligencia dos que não sabem latim: «ainda que eu podesse aperfeiçoar muitas coisas no meu ensaio poetico, as deixo imperfeitas como estavam, a fim de que melhor se possam distinguir das peças que se lhes seguem.»

¿Como seria possivel a um homem que nunca havia feito um só verso latino, acertar logo ao principio? Não ha duvida que podia aperfeiçoar a sua obra, quando a publicasse junta com outras; isto é o que não fiz, usando de sinceridade, porque os sabios entendem o meu pensamento, e V. melhor que ninguem.

Nota V. a falta de travamento em alguns dos meus hexâmetros; esta advertencia me fez o Doutor Vicente Pedro Nolasco da Cunha; e uma só lição d'este famoso litterato bastou para eu me emendar quanto me foi possivel. V. bem sabe que nas nossas aulas já se não ensina a compôr, mas sim a medir versos; e d'esta falta resulta o que me acontece. Portanto, n'isto vamos de accordo, ainda que a travação dos hexâmetros, mesmo em grandes poetas, não é exactamente observada algumas vezes. Deixemos porém de referir exemplos.

Nota V. de errado o seguinte verso:

Cordaque irrigat, etc.

dizendo que não se pode admittir o choreu ou trocheu. Respondo a V. com o verso 211 do 3.º Livro da Eneida:

Insulæ Ionio in magno, etc.

No meu verso, pela figura dialepha não absorvo a vogal seguinte; no que imitei Virgilio n'aquelle logar da Ecloga 8.ª, v. 41:

Ut vidi, ut perii, ut me, etc.;

no verso 281 do Livro 1.º das Georgicas:

Ter sunt conati imponere, etc.;

no verso 437 do mesmo Livro:

Glauco, et Panopeæ, et Inoo Melicertæ;

e em muitos outros, não de Virgilio, mas de outros poetas.

No citado verso de Virgilio

Insulæ Ionio etc.

temos no primeiro pé um choreu infallivelmente, se a syllaba fôr absorvida com a 1.ª de *Ionio*; se o não fôr, por força é crético o dito pé; aliás, fez o Poeta breve o diphtongo *æ*, como outras vezes praticou; mas ainda n'este caso não fez synalepha com a vogal seguinte. O mesmo fiz eu.

Isto mesmo se póde fazer no verso, que V. aponta na minha obra:

Tum mihi fulvus Apollo ab astris

usando de dialepha, ou fazendo a preposição longa, visto ser absorvida pela ultima de Apollo, que é commum, ou pelas seguintes razões.

Melhor do que eu sabe V. quanto é exclusiva a liberdade que dão as figuras do verso. ¿Como diria Virgilio sem esta liberdade:

Ille latus niveum molli fultus hyacintho?

na Ecloga 5.ª, verso 53.

Muneribus tibi pampineo gravidus autumno?

Georgicas, Liv. 2.º, verso 5.

Cernere erat; totumque instructo Marte videres?

Eneida, Liv. 8.º, verso 676.

E' segui do a mesma liberdade, que Horacio não duvidou dizer, Sat. 3.ª, verso 7:

Usque ad mala citaret, io Bacche modo summa.

¿Quem pode negar que taes syllabas são breves, e que os autores, pela figura diástole, as fizeram longas? Foi usando da diérese, que eu fiz trisyllaba a palavra *Lingua*, que tambem só por sinérese poderá ser de duas, ou eu me engano; apesar dos autores assim a trazerem, de certo que diphtongo não ha aqui, podendo comtudo ser liquida a lettra *u*, de que temos alguns exemplos.

Taes explicações, e não impugnações, ao doutissimo artigo de V. são necessarias a um homem da minha profissão. O grande amor que ambos consagramos á Lingua latina nos faz publicar nossas ideias; com esta differença porém: que as de V. são lições de mestre, e as minhas são respostas de discipulo, sempre amigo de estudar, e aprender dos grandes mestres, mormente em um objecto de tanta consideração.

Peço a V. se digne publicar estas mal arranjadas linhas, para que o Publico as veja, e conheça em nós dois amantes decididos pelas bellezas do immortal Virgilio.

Collegio de S. Patricio de Padres Irlandezes, em 8 de Junho de 1844.

De V , etc.

FRANCISCO ANTONIO MARTINS BASTOS.

CXXXI

RESPOSTA Á CARTA PRECEDENTE

Sobre maneira penhorado o Redactor com a urbanidade da carta supra, e satisfeitissimo de ter emfim encontrado um autor, a quem a critica decente e amigavel não irritasse e endoidecesse como suprema affronta, da melhor vontade empregaria este espaço em recommendar ao vulgo litterario, como exemplar de disputadores sensatos e honestos, o snr. Martins Bastos, se as pequenas duvidas, em que versa a discussão, não carecessem de ser ainda averiguadas, não por interesse de amor proprio (que nenhum de nós o tem), mas em beneficio d'este, já hoje tão desprezado, ramo da boa Litteratura, chamado Latinidade.

Eis aqui pois, no mais apertado resumo possivel, as nossas ideias sobre o ponto. Como consultações, e não dogmas, as offerecemos ao nosso erudito correspondente.

*

¿A licença poetica, a horaciana *potestas quidlibet audendi*, terá para nós eguaes ambitos em qualquer lingua em que escrevâmos?

Quanto ao que é pensamento, ou uso de tropos e figuras, que ao pensamento se refiram, concederemos que sim; quanto porém á contextura material dos vocábulos, á mecânica da sua syntaxe, e ao modo peculiar da sua collocação, entendemos que não. Muita coisa ousará na sua Lingua um engenho creador, que um estrangeiro se não permittiria se n'ella se affoitasse a escrever. Franquezas de dono de casa, ou de hospede, differem muito.

Ora se, tentando-nos a compôr, por exemplo em francez, nenhum de nós se resolveria a empregar (como Victor Hugo, Sainte Beuve, e outros) uma inversão que n'essa Lingua fosse extranha, ou a introduzir-lhe uma palavra nova, embora deduzida de boa fonte, conforme a todas as regras da derivação e da analogia, clara no seu sentido, e até necessaria, ¡quanto mais atadas nos não ficam logo as mãos, quando nos houvermos de tomar com Lingua não só alheia, senão morta, e, como tal, immovel e sagrada!

Mas — diz-se — as systoles e as diástoles, a conversão das syllabas breves em longas, e das longas em breves, apparecem nos melhores poetas do seculo de Augusto; e nós, usando de systoles e diástoles, mais não fazemos do que imital-os.

Eis aqui, a nosso ver, onde é indispensavel distinguir: todos os vocábulos, que esses

donos da sua Lingua transformaram, por essas ou quaesquer outra figuras da dicção, todos esses pés ou hemistychios, errados segundo as regras communs, mas por elles empregados, e, como taes, legitimados, podemos adoptal-os sem nenhum escrúpulo, mas nada mais do que adoptal-os O imital-os para outras hypótheses, por mais perfeitamente análogas que ellas nos pareçam a esses exemplos, sería já abusar da licença.

Se algum poeta romano fez longo o *ab*, embora faça quem da necessidade se vir apertado longo o *ab*; mas, por mais que a necessidade o aperte, não faça o *ab* longo, só porque Virgilio fez uma vez longa a primeira de *patrum*.

Esta cautéla observaram sempre os poetas modernos de melhor nota, quando poetaram em Latim; e duvidamos de que em Sannazaro, Pontano, Vida, Fracastor, Petrarcha, Sidronio Oschio, Scaligero, Vanier, Santeuil, Milton, e outros de egüal jaez, se encontre um só caso de palavra latina, por elles, sem bom e classico exemplo, adulterada.

As figuras, por que se ommittem ou se accrescentam lettras no principio, no meio, ou no fim, de um vocabulo, tambem absolutamente não são erros; mas, assim como *perla*, *seclo*, *mármor*, e *imigo*, que poetas nossos empregaram, não auctorisariam a um Francez, a um Italiano, ou a um Portuguez das duzias, para escreverem, por exemplo, *paldo* por *pallido*, *hordo* por *horrido*, ou *pagin* por *pagina*, assim (e muito menos), por Virgilio ter escrito *sæclorum* por *sæculorum*,

não poderemos nós escrever *maclarum* por *macularum*. Usarei com extrema necessidade, da paragoge *admitier* por *admitti*, porque da Eneida a tomo; mas nem por isso farei de *amari amarier*.

Para este escrupulo parece-me haver uma excellente rasão:

Nós não falamos o Latim; não conhecemos, nem já poderemos advinhar, a sua pronuncia, o seu *quid* vivo. Se nos versos latinos, que fazemos com a observancia de todas as regras, cahimos talvez, frequentes vezes, em coisas de que um barbeiro ou um menino romano se riria, e que a Cicero fariam dar tres pulos na sua cadeira curul, ¿¡ quanto maior não será esse perigo, em nos arremeçando por inauditas innovações?!

¿ Sabemos nós, finalmente, o como todos esses versos fora do comum, compostos por Horacio, por Virgilio, ou por Ovidio, eram declamados? ¿ Sabemos o geito, que elles, e os seus conterraneos, teriam para os fazerem soar certos? ¿ Poderemos, sequer, affirmar, com plena consciencia, que essas syllabas breves, que nós julgamos terem sido allongadas, ou essas longas, que suppômos se abreviaram, padeceram realmente semelhante metamorphose?

Assim como o verso hexametro admitte o espondaico, isto é, póde ter no logar do dactylo do 5.° pé um espondeu, ¿ não caberiam n'elle, além de espondeus e dactylos, outros generos de pés, como no final se admitte o trocheu?

E' verdade, que os unicos homens, que poderiam devidamente avaliar estes erros da

nossa metrificação latina, estão mudos, enterrados, e desfeitos, ha muitos seculos; mudos, enterrados, e desfeitos até ao ultimo; e ás orelhas dos que hoje vivem, por mais que barbarisemos, já com isso se não fará nenhum escandalo grave. ¿ Mas commetteremos o mal, só pela certeza de não sermos punidos nem descobertos? ¿ Essa mesma impossibilidade, que uma Lingua tem de puchar pelo seus foros, não será antes argumento para que lh'os respeitemos? ¿ Não é uma flagrante contradicção, que, no acto mesmo em que estamos tributando um culto livre e espontaneo ás Musas romanas, lhes façâmos momos e esgares, porque — dizemos nós — estão convertidas em estatuas, os seus olhos são de pedra, e não nos enxérgam?

*

Eis aqui, e mais longa do que tencionavamos, a nossa candida resposta. A decisão que sobre ella der o snr. Bastos será sem duvida a mais acertada, porque ninguem hoje cultiva com mais fé, nem com mais sincero amor, este genero de Litteratura.

Rev. Univ.

CXXXII

POESIA ÉPICA

(Julho de 1844)

Lemos inteiro, com o prologo, notas, e documentos, o poema em quatro Cantos, que o snr. Antonio Luiz Gentil deu á luz com o titulo *O dia 11 de Agosto de 1829, ou a victoria da villa da Praia,* 1 vol. em 8.º, de 105 paginas, offerecido ao Ex.mo Duque da Terceira.

Não nos parece o assumpto mal escolhido; a Historia ahi é grandiosa; os heroes, posto que todos os conhecessemos, e estejam ainda vivos (o que para a poesia épica e dramatica é um terrivel desconto), teem uma importancia assaz consideravel; e, se não podemos ver n'elles gigantes, sentimol-os poetisados pelo extraordinario das circumstancias, pela fé robusta com que mantiveram accezo o fogo da esperança, pela enorme desegualdade da lucta, em que se empenharam contra um Reino e muitos Reis, pela felicidade (¡merecida felicidade!) com que

amarraram ao seu carro de triumpho os destinos vencidos e humilhados; mas é nossa opinião, que este magnifico assumpto carecia de ser tratado de mui diverso modo.

As Astrêas, os Joves, e os Plutões, misturados com os Eusebios Candidos, os Villa-Flores, e Juntas provisionarias, teem um não-sei-quê de repugnancia, e mutua profanação, que dá a lembrar o extravagante poema de Parny.

As ficções mythológicas nunca podem ser atavíos de uma verdade contemporanea; e quando n'ella se intromettem, podem autorisar aos que a não conhecem, a pensar que o poeta, semelhante ao Simónides antigo, não elogiou a Castor e Pollux, senão porque no seu heroe não achava sufficiente cabedal para o seu encómio.

E realmente: ¿que figura faz o Ex.mo Duque da Terceira, quando, no 4.º Canto, o vemos coroado de loiros pela mão de Flora, no meio de um jardim do Parnaso, onde as decrépitas Musas por ordem de Jupiter o vão festejar? ¿Que significam os outros militares, e nomeadamente o batalhão de Voluntarios da Rainha, postos no mesmo sitio impossivel, e engrinaldados por entes que nunca existiram?

> As Musas com as Nymphas misturadas
> quasi a um tempo as frontes contornavam
> de outros, que por acções assignaladas
> dignos de ser coroados se mostravam.
> Heroico ardor, façanhas elevadas,
> na balança de Thémis se pesavam;
> obtendo os Voluntarios aguerridos
> maior apreço, premios mais subidos.

Quodcumque ostendis mihi sic, incredulus odi.

¿Qual de nós, vendo passar algum dos nossos amigos, ex-Voluntario da Rainha, ahi por uma rua d'essas, com o seu chapeu redondo e o seu charuto na bocca, se não rirá, figurando-o sentado n'uma pedra do Parnaso, lá na Grecia, aonde elle nunca se lembrou de ir, e uma ou duas Nymphas em pé, todas afervoradas a toucal-o, não como Monsieur Julien a qualquer mandrião, mas como aias muito serviçaes a uma noiva que se vai receber? Todos se ririam; e o poeta, primeiro que ninguem, pois que possue uma imaginação viva, que lhe deve encarecer o brutesco de tal figura.

Este defeito grave, e por ventura o mais grave do poema, não se ha-de porém attribuir tanto a destemperado gosto do autor, como á necessidade em que elle suppôz, que o titulo da sua obra o constituia, de mover a sua acção pelos guindastes mythologicos, e de não defraudar o seu poema de *machina*, parte muito essencial, como ensinavam Pedro José da Fonseca, e todos os outros preceptistas velhos. Até a forma de estancia, ou oitava rima, adoptada pelo snr. Gentil, ajuda esta explicação, com que entendemos de certo modo desculpal-o. Com a rima dos *Lusiadas* e da *Ulysséa*, veio, por assim dizer, adherente o Olympo, que lá brilhava; e o poeta o recebeu, não porque o approvasse em seu juiso, mas porque se não permittiu julgal-o.

Se esta primeira producção do snr. Gentil nos não revelasse n'elle qualidades apreciaveis, muito bom ouvido para a cadencia metrica, facilidade, naturalidade, e ás vezes

felicidade, de rima, estylo com certa energia, rapidez, e clareza, e uma phantasia a espaços viva e brilhante, não nos demorariamos tanto em o censurar. A defuntos não costumamos fazer esfregações. Como porém elle pode, e nós lh'o desejamos, continuar a exercitar-se na Poesia, affoitamos a communicar-lhe o nosso pensamento particular sobre esta especie de narrações.

Concedido que um acontecimento dos nossos dias, da nossa terra, dos nossos amigos e parentes, conhecido com todas suas circumstancias nos botequins, nas tabernas, nas lojas dos barbeiros, onde duzias e duzias de periodicos o repetiram conforme souberam, pode ser cantado, ou (falando humanamente) pode ser relatado em versos com a nobreza e decencia que elles requerem; concedido isto, que para nós não deixa, ainda assim, de envolver suas durezas, dois extremos sobre tudo se hão-de evitar: a mentira absurda dos ornamentos velhos, e a dessaborosa e prosaica verdade de certos accessorios, nomes proprios, e technologia, ainda não consagrados pela posse do estylo nobre.

Deve-se dar a realidade, mas affeiçoada e ageitada, cortando d'ella tudo quanto fôr vulgar e mesquinho, ou o parecer; e não a accrescentando com massas sobrepostas, mas só onde convier, e com muito tento, soprando a (permitta-se-nos a expressão) por dentro para a avultar.

Um poucochinho de exageração nos affectos e nos pensamentos, soffra-se e queira-se; não se ha-de ser mais severo com os poetas, do que se tem sido com os historia-

dores. Mas por isso mesmo que tal se lhes permitte para nobilitação, não venham desfazer-lhe o effeito certos nomes, certas phrases, certas ideias, ou certas allusões, que nos atiram demasiadamente para a vida prosaica, para as reminiscencias dos livros da porta das Secretarias, ou das falas dos Diarios das Camaras.

Sem querermos tirar os seus logares a Homero, Virgilio, e Camões, que sempre hemos de reler com o maior gosto, diremos atrevidamente que não são elles os modelos para imitar na poesia épica moderna. O poema *Napoleão no Egypto* por Barthèlemy e Méry é, quanto a nós (não obstante peccar alguma vez em trivialidades), o melhor modelo.

Rev. Univ.

CXXXIII

CATHECISMO DE AGRICULTURA

(Junho de 1844)

Ouvimos que um distincto cavalheiro, o snr. Manuel Maria Holbeche, movido do seu ardentissimo desejo de ver prosperada a Agricultura patria, e vencendo a sua natural modestia, se determinou emfim a escrever, como os seus amigos ha muito lhe supplicavam, um manual ou cathecismo dos lavradores.

Todas as pessoas, que teem visto a perfeição, com que são fabricadas as fazendas do snr. Holbeche, no Ribatejo, que já hoje, dizem os entendedores, poderiam servir de escola rural, devem estar persuadidos de que ninguem poderia, melhor do que elle, ensinar, escrevendo, aquillo mesmo que ha já annos está ensinando pelo seu exemplo.

Espirito cultivado e profundo, inventivo e positivo juntamente, o snr. Holbeche tem presenceado pela leitura todos os progressos modernissimos da Sciencia, tem experimen-

tado e julgado os novos methodos, adoptado, melhorado, e inventado instrumentos; e, com uma paciencia e perseverança quasi heroicas, lutado braço a braço com o ramerrão, e vencido e convencido, não pelos ouvidos se não pelos olhos, a ferrenha incredulidade de muitos dos rusticos seus visinhos.

Com estas qualidades, com tanta theoria, tanta pratica, tanto zelo, não é mistér sermos prophetas para predizermos com segurança, que o seu cathecismo será um dos livros mais solidamente uteis, que jamais poderemos annunciar.

Rev. Univ.

CXXXIV

COMO SE CRIAM PRINCIPES HOMENS

(Junho de 1844)

Já para ninguem de Portugal pode ser novidade o desvelo e primor, com que Suas Majestades Fidelissimas criam e educam a seus filhos, os quaes, segundo informam quantos os teem contemplado, estão sendo, pelo seu desenvolvimento intellectivo, scientifico, moral, e religioso, exemplares muito para ser propostos ás nobilissimas invejas e imitação da puericia.

Sobre entenderem e falarem correctamente o portuguez, o francez, o inglez, e o allemão, conhecerem, nomearem, e explicarem, uma desmedida quantia de plantas e animaes, segundo ao acaso se lhes offerecem taes estampas nos livros de Historia natural, estarem senhores dos primeiros rudimentos da Religião Catholica, e praticarem para com todos a mais estreita civilidade, cultivam tambem, sob os olhos de seus Augustos Paes, os exercicios que desenvolvem as forças e dextreza corporal.

Em uma carta que de Cintra nos escreve pessoa fidedigna se lê:

«Assistindo nos dias 7, 8, e 10 do corrente aos exercicios do destacamento no Real paço, no campo dos Seteaes, onde foram presentes Süas Majestades e Altezas, gosámos de um espectaculo muito novo e muito lindo; e foi, vermos o nosso Principe Real e o senhor Infante D. Luiz, formados á direita do destacamento, com as suas espingardas, fazendo conjuntamente com os soldados todas as manobras, ora deitados no chão, ora com o joelho em terra, ora a marcharem e a contramarcharem, e até a marche-marche; e sobretudo o que nos espantou, foi vel-os assistir ao exercicio de fogo, que foi no dia 10, no qual elles mostraram a sua affoiteza, pois não só não tinham medo dos tiros que junto a elles davam os soldados, mas até disparavam as suas armas, que um Official lhes carregava, esperando a voz do Commandante do destacamento para pontualmente fazerem fogo.

«O Principe, apesar de não ser tão robusto como o Infante D. Luiz, não cançava; pelo contrario, corria tanto como um soldado; porém no exercicio do fogo distinguiu se o Infante D. Luiz pela rapidez com que o fazia.

«O senhor Infante D. João tambem andava de espingarda apropriada á sua edade, indo pela mão do Camarista de semana atraz dos soldados; mas como é muito pequenino, quando ouvia o fogo tinha medo, e fugia para o pé da Mãe.

«El Rei, conhecendo o desejo dos Principes, dizem que quer que continuem estes exercicios para lhes servirem de escola.»

(*Rev. Univ.*)

CXXXV

BOM PRESENTE A EDUCADORES

(Junho de 1844)

Com muito gosto havemos lido, e meditado, um volume de perto de 200 paginas em 8.º, com o seguinte titulo:

O MENINO PERDIDO
romance instructivo, civil, e christão, engenhosamente escrito em estylo familiar, e accommodado a todas as intelligencias, para servir de compendio de boa educação. Obra recommendada pelas maneiras, suavidade, e ternura que inspira toda a sua doutrina, pelos prudentes conselhos que dá, especialmente nas cartas; e até pela pureza e correcção de Linguagem; composta por um virtuoso Sacerdote eximio em Litteratura, e consumado em prudencia: fruto de uma experiencia octogenaria; publicado por um seu amigo, e offerecido aos educadores da mocidade, e em especial ás boas mães de familias.—Porto — Typographia de Faria Guimarães—1844.

Não sabemos se esta obra é original, ou traduzida do francez e accommodada para cá, segundo por leves indicios algumas vezes nos quiz parecer.

Se traducção é, damos os parabens ao traductor, que nos parece ella uma das menos viciadas que n'estes ultimos tempos se teem feito.

Se é portugueza nativa, dobradamente os damos ao benemerito Religioso, de quem até o nome nos é occulto, por haver feito ás familias e á sociedade um d'aquelles serviços, que abrangem a todos os tempos, e a que muitos individuos veem depois a dever a sua felicidade.

O *Menino perdido* é uma especie de novellinha muito singela, conchegativa, e affectuosa, muito accessivel a toda a qualidade de entendimentos, quer illustrados quer não, muito judiciosa, didactica sem pedantaria, moral sem sequidão, religiosa sem bisonhice.

O pae, mais instruido depois de a ler, fal a-ha reler por sua mulher; esta por seus filhos; e tanto os filhos, como a mãe, como o pae, haverão colhido d'entre o recreio dictames praticos bem sãos e persuasivos, de que muitas vezes se aproveitem.

A boa e má educação apparecem contrapostas por um modo tão sagaz, que o espectador invencivelmente se affeiçôa á primeira, já por sentir o seu intrinzeco valor, já por estar, ora adivinhando, ora palpando, os seus optimos resultados.

A Litteratura da Inglaterra e da Allemanha, e, mais que ambas ellas, a franceza, contam um grande numero de escritores

d'este genero, consagrados ao progressivo aperfeiçoamento da nossa especie; mas a nossa Imprensa, occupada com tontarias, quando o não é com immundicies bestiaes, nem produzido tem, nem sequer reproduzido, d'estes antidotos para os envenenados, d'estas vaccinas para os ainda intactos do contagio.

Viva pois *O Menino perdido*, que a muitos livrará de o virem a ser.

Oxalá que alguns bons engenhos, excitados por esta primeira tentativa, se lancem tambem a cultivar campo tão fertil e proveitoso. As bençãos dos homens de bem, e os agradecimentos da posteridade, serão a sua recompensa; mas a gloria de ter ousado prégar o amor, a sizudeza, a religiosidade, as virtudes, e o contentamento da alma no meio das bacchanaes typographicas que nos aturdem, essa, ainda que outros venham aliás excedel-o, ninguem já a tirará ao modesto Religioso, que passando, e vendo a miseria do seu seculo, lhe lançou christanmente a esmola sem se descobrir.

(Rev. Univ.)

CXXXVI

ILLUMINAÇÃO ELECTRICA

(Julho de 1844)

Contámos no 1.º volume d'este jornal, a paginas 77, que um professor de Hall, por nome Meincke, tinha inventado uma illuminação electrica, de que já elle se servia para ler e escrever em sua casa, e que propunha para uso geral das cidades, sendo a sua luz como a de um bom luar em noites serenas, e de todo o ponto innocentissima.

O invento do professor algum estorvo deveu de encontrar, pois que se não generalizou logo. Todavia, a luminosa ideia ficou por semente; e agora, quasi tres annos apoz, lá rebenta n'outra parte. Veremos se já d'esta feita irá avante.

Lemos em diversos jornaes, com grande alvoroço pregoada a noticia de se haver na cidadella de Montpellier experimentado a illuminação electrica para ar livre, que surtiu o melhor effeito. A sua luz foi calculada em metade da do sol, e a quinhentos passos

de distancia facultava o ler. Um pharol azado no centro da immensa Paris, conjecturava-se que bastaria para a illuminar toda, e desterrar d'ella a noite, de uma vez para sempre.

«Se é certo que as Camaras Municipaes de Lisboa e Porto teem entrado em contratos para a illuminação das duas cidades por gaz, parece que conviria que nada definitivo concluissem, em quanto se não determinasse o valor das experiencias que se devem fazer em Paris sobre a luz electrica.»

Esta momentosissima ponderação, que extratámos de uma carta, com que nos honra o Ex.^mo snr. Visconde de Sá da Bandeira, conforma inteiramente com a doutrina de um magistral artigo do snr. O. C. publicado no nosso numero de 1 de Fevereiro d'este anno, e com a do requerimento dos snrs. Guimarães e Rubião, que reimprimimos em o nosso artigo 2699.

A ambas as ditas Camaras Municipaes respeitosa mas instantissimamente supplicamos pondérem na sua alta sabedoria tudo que então se allegou e se provou superabundantemente.

(*Rev. Univ.*)

CXXXVII

PROLOGO
AO VOLUME IV DA «REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE»

(Julho de 1844)

Como um prologo de periodico não costuma passar de uma ociosa conversação de comprimentos, promessas, e protestos, fazendas essas tão fallidas de crédito em toda a parte, só faremos hoje de prologo quanto baste para que se não diga que faltou este volume á cortezia; e melhor é assim, que menos campo tomaremos aos artigos uteis ou agradaveis, que são o a que o nosso instituto nos obriga, e por que nossos leitores teem direito e acção de nos tomar conta.

*

Continuando a *Revista Universal Lisbonense* a ser, com pouquissimas e imponderaveis excepções, collaborada por quasi tudo quanto ahi ha de mais illustre em Sciencias e Lettras; e continuando o seu redactor a

admittir e convidar para estas justas e torneios publicos, todos os engenhos bons e amigos da terra patria, já se pode sem temeridade afiançar que não desdirá por somenos o presente volume dos anteriores.

Continúa o nosso programma a ser o mesmo; isto é:

O primeiro logar, para os CONHECIMENTOS UTEIS, em que se comprehendem os descobrimentos, inventos, ou aperfeiçoamentos, nas sciencias, Artes, ou Industria em geral, nacionaes ou estrangeiros; a vulgarisação dos alvitres ou conselhos uteis, mormente em relação á Agricultura, Minas, Fabricas, Vias de transito sêccas e fluidas, e Commercio; e tambem os assumptos moraes e religiosos, quando e como entendermos ser necessario il-os ministrando;

a segunda parte, para as VARIEDADES, em que haverá sempre, com a commemoração obrigada de algum feito portuguez (coisa que só a quem o não fôr poderá parecer importuna ou dessaborosa), algum trecho de Litteratura mais amena, especialmente Poesia, Romance historico patrio, e novellas ou contos, mas sempre originaes, honestos, e de proveito;

na terceira parte, finalmente, se comprehenderão as NOTICIAS de todos os successos, feitos, ou ditos notaveis, que houvermos colhido de qualquer parte do Reino pelo decurso da semana, quer desgraçados quer faustos, quer de pranto quer de riso, quer de crime quer de virtude, quer vulgares quer nobres; e n'este capitulo, que é ao mesmo tempo Valerio Maximo e Supico, diligencia-

remos, como é nosso costume, misturar com a verdade o adubo do sal onde competir; e onde convier, a substancia das ponderações moraes e christans, que não são indecentes, como para si teem (e o chegam despejadamente a dizer) alguns, que, a fóra estas duas, todas as mais coisas do mundo reputam por decentissimas. ¡Boa gente! ¡bom gado! ¡boas alimarias! Mas não escrevemos para ellas; ellas tambem desforram-se, que não escrevem para nós, nem para ninguem.

*

Duas unicas suppressões fizemos, pouco ha, n'este capitulo das noticias; não as revogaremos n'este volume, antes por ventura accrescentaremos outra nova.

A primeira das duas foi a das *Novidades politicas*, tanto estrangeiras como nacionaes; a segunda, a dos *Actos officiaes* do Governo.

As novidades *politicas*, no apertadissimo resumo com que eramos obrigados a escrevel-as, pouca ou nenhuma ideia verdadeira do que ia pelo mundo podiam dar aos curiosos; e os que o fôrem, qualquer que seja o recanto de Provincia em que residam, facilmente haverão nos papeis politicos quotidianos, que para toda a parte correm, com que fartar as suas sêdes.

Os Actos *officiaes*, como nós os resumiamos, tinham sím a vantagem de offerecer a quem n'isso se interessasse uma synopse desenfastiada, e um indice remissivo, para irem por elle procurar o que lhes conviesse; mas tambem esta parte nos comía semanalmente mais espaço, do que por ventura va-

lia; e como noventa e nove centesimos dos leitores a saltavam a pés juntos, só por um de cada cento poderá ser a nossa determinação desapprovada.

*

Agora a suppressão nova, que em grande parte, pelo menos, nos sentimos tentadissimos a fazer, é a dos annuncios e juizos dos novos livros, folhetos, ou folhas, originaes, traduzidos, imitados, paraphraseados, ou parodiados, que fôrem nascendo ou abortando d'esses prelos.

*

No largo decurso d'esta redacção, que já dura ha quasi tres annos, e, fóra d'ella, em tudo que havemos escrito n'outros periodicos, ou em livros nossos, e sempre nas conversações litterarias que folgamos de ter com os nossos amigos intimos, temos procurado com severo escrupulo fazer a critica litteraria com verdade e lisura, sem amor nem odio; mais com a mira no aproveitamento alheio, do que armando rede para pescar lisonjas e favores, com que os indevidamente lisonjeados e favorecidos não deixam ás vezes de pagar a vileza de um escritor sem consciencia.

Podemos e havemos de ter errado; não dependia isso de nós. O que de nós dependia, era o não mentir. NÃO MENTIMOS.

*

A mentira do critico litterario, com parecer venialidade de pouco ou nullo effeito, é, em nossa conta, delicto gravissimo, pros-

tituição da alma propria para corromper a dos outros, falsificação da balança que de cima se nos pendurou para pesarmos recto; e quanto maior fôr a fé que em nós se tem, maior e mais ingrata aleivosia, peor e mais imperdoavel malefício para com os nossos contemporaneos, e para com a posteridade, a quem não poucos erros se transmittem.

Entretanto, o desempenho d'este nobre officio, que se toma por vocação, e não obrigado, que se exerce sem estipendio nem agradecimento, e em que todos os dias se fazem sacrificios a uma divindade ideal, para se ser apedrejado por alguns, e defendido por ninguem, cançou-nos a final; e, se Deus nos conservar o proposito com que n'esta hora estamos, nunca mais annunciaremos, senão aquillo de que não houver para dizer senão louvores.

Por esta parte, entramos na Cápua da republica litteraria. Penduramos a espada, para podermos despir a loriga, desembraçar o escudo, e deslaçar o capacete. Agora, rosas e amores; perca-se embora o fruto de ter vindo da Africa pelejando até aqui.

Não, senhores; a critica inteira, a critica digna do seculo, a critica boa, que mostra o bem e o mal, o bem com alegria, com enthusiasmo, e sem sombra de inveja, o mal encolhidamente, caridosamente, e mais para cura do que para castigo; essa critica fecunda para as artes, para as sciencias, para a moral, para a civilisação sob todos os seus aspectos, essa que a façam (como a fazem ha muitos annos) a França, a Inglaterra, a Allemanha. Nós não o ousamos, nem talvez

o podemos; somos poucos e pequeninos; encontramo-nos todos duas vezes por dia. A nossa Capital, a nossa blazonada Capital, não passa, a muitos respeitos, de uma aldeia de Pae Pires.

Elogiaremos só. Mas ainda assim, n'esta tranqueira de covardes, evitaremos o ultimo da infamia de que tantos se não correm: elogiaremos unicamente o que nos parecer para elogiar; mas isso elogial-o-hemos francamente.

Conhecemos por ahi bastantes, com quem poderiamos documentar o dito, que, pondo *nos cornos da lua* a ruim obra, ruinmente concebida e ruinmente executada, preterem com absoluto silencio, ou só louvam como contrafeitos e sobre-pósse, aquella que estava pedindo para si apreço, e animação para seu autor.

*

Renunciando a heroicidade de Quichote litterario, já que d'entre tanto povo periodiqueiro nem sequer um Sancho nos appareceu que nos ajudasse, não demittimos de nós a honestidade natural, que sempre nos obrigou a não roubar a cada um o que é seu, antes a dar lhe o que lhe pertence avantajado.

E todavia, este mesmo caminho, que tão de rosas parece, não vai todo livre de abrolhos, porque uns se offenderão com o silencio, e só por essa culpa negativa nos hão-de apedrejar; e outros tomarão o encomio alheio como desar proprio.

Uma reflexão muito profunda ouvimos

nós, quando ainda meninos, a um já piloto velho e traquejado nos baixios d'este mundo, que então não entendemos, porém que a experiencia (mestra cruel, mas efficaz) nos explicou; e esta queremos agora dizel-a á gente moça, ainda que saibâmos que a não aprenderá só de a ouvir:

«Ha mais perigo, muitas vezes, no louvar, do que no vituperar. O vituperar faz um inimigo; o louvar faz tantos inimigos, quantos são os invejosos; e ainda por cima, o mais das vezes, um ingrato.»

Pode ser que a final, até d'esta meia-analyse só panegyrica nos venhâmos a abster, se o nosso medico assim nol-o receitar; mas por ora, se os bons propositos nos não faltarem, será ella tudo que em materia de critica nos permittâmos.

Eis aqui as tenções, que julgamos nos durarão por todas as quarenta e oito semanas d'este volume, se até ao fim d'ellas nos aturar a vida e a saude: doutrinas uteis e praticas; instrucção varia e aprasivel; noticias abundantes e temperadas de proveito; respeito e admiração para tudo que fôr nobre e sabio; paz profunda, ou pôdre, com tudo que fôr vil ou nescio.

D'est'arte, sem nos livrarmos de ser ladrados e mordidos na sombra por alguns sabujos, a quem não atiramos, porque, de tão magros e esganiçados que são, nos mettem dó, não deixaremos de disfrutar a mesma benevolencia e boa sombra, com que o Publico em geral, e em particular as pessoas de mais alta esphera e conceito, nos teem constantemente favorecido.

*

Poucos d'entre os Prelados e Governadores civis d'este Reino, e suas possessões d'além-mar (é uma publica homenagem ao seu amor de Patria, e um solemne testemunho que lhes damos do nosso animo agradecido), poucos, ou quasi nenhuns, deixaram de recommendar em circulares a quasi todos os seus immediatos inferiores a *Revista Universal Lisbonense*, como o papel (bem haja a possantissima collaboração que nos assistiu sempre) mais cordealmente portuguez, e mais eminentemente civilisador, quer no sentido dos progressos materiaes, quer no dos moraes, que jamais se executou ou concebeu em Portugal.

Algumas e muitas d'estas circulares fariam fé plenissima do nosso dito, se melindres, que todos podem adivinhar, nos não atassem a mão cubiçosos de as transcrever.

Em virtude d'este superior amparo, a nossa folha, inoffensiva sempre, e mensageira de bons presentes, logrou a fortuna, que em todos os nossos sonhos de ambição mais lhe haviamos desejado: penetrou em grande numero de residencias de Parochos ruraes; e como pelos paes se chega aos filhos, por elles dispartiu as luzes, que levava, ás boas gentes das aldeias, que ainda por si não sabem ler.

Triste e dolorosa verdade é que, d'entre esses innumeraveis Parochos ruraes, a quem, por mais distantes dos focos de illustração, que são as cidades e as capitaes, mais util poderia ser, para si e para o seu rebanho,

a leitura de um papel, que lhes levava as comidas sólidas e nutritivas já feitas e trinchadas, muitos e muitos, por penuria ou de dinheiro ou de amor dos homens, ou de entendimento e curiosidade, e não raros talvez por não saberem ler (que assim vai muita parte do Clero, e com elle muita parte da crença, da boa morigeração, e da fortuna popular, pela agua abaixo), logo que poderam saltaram para fóra da rede, em que os seus Prelados amorosamente os haviam pescado, para nos lá coadjuvarem, como ledores e exhortadores, na obra de civilisação, que nós, como escritores, laboriosamente andamos fazendo a bem d'elles, de nós mesmos, e de todos.

....

....

*

¿Qual é d'estes nossos tres volumes aquelle, de que a seu possuidor, se por ventura aproveitou tudo que n'elle lhe podia servir, não resultou, a final, um ou muitos lucros pecuniarios, dez vezes, ou cem vezes, ou incalculavelmente, superiores ao pequeno preço por que todos os tres volumes lhe sahiram? e isto, olhando cada qual só para si; que se, tomado de mais nobre e generoso espirito, contemplar todo o complexo de seus concidadãos, descobrirá quanto este pequeno mas perseverante papel tem derramado de solidos e incontestaveis beneficios por todo o Reino.

Esse alardo não o queremos nós fazer;

uma leitura attenta dos nossos indices sobrará para convencer aos mais incredulos ou malignos, de quanto elle nos seria facil.

*

Sobre estes inconcussos fundamentos, e mais pelo amor do publico bem que de nós mesmos, vamos com a mais animosa confiança sollicitar do Governo de Sua Majestade a suppressão dos portes do correio para a nossa folha, como para si obteve, pouco ha, o *Diario do Governo.* ¿Quem ao bom exito de tal requerimento se opporia, quando no proprio Imperio Ottomano, um firman do Grão-Senhor baixou espontaneo para eximir de quaesquer direitos tudo quanto para as estrangeiras Irmans de caridade viesse de França, ou de qualquer parte, destinado a servir no exercicio do seu benéfico e generoso ministerio?

O que o Turco fez a umas christans francezas, só porque nos seus Estados pensavam feridas, assistiam a enfermos, ajudavam e exforçavam moribundos, ¿como podia jámais negal-o Sua Majestade Fidelissima a um papel, obra de tudo que ha de mais portuguez, de mais illustrado, e de mais zeloso, e dirigido constantemente a procurar remedios aos males da Patria; a promover-lhe, no pouco e no muito, no tocante ao corpo, ao espirito, e ao coração, quantas ditas occorrem como possiveis?

A esta commodidade e facilitação para os nossos assignantes, que depende da Real vontade, e com que por isso contamos afoi-

tamente, outro beneficio vamos ajuntar, que, porque só depende de nós, desde já annunciamos como feito.

*

Considerámos nós, que para se realisar a introducção de coisas prestadias, não basta muitas vezes annuncial-as como existentes e certas, mas é necessario proporcionar, facil e seguro, o modo de as obter, mormente quando a coisa apregoada por boa, e digna de se aclimar em nossa terra, mora em terra de estrangeiros.

Como remedio a isto, nos occorreu fundar no escritorio, d'onde sai a folha que taes objectos costuma sempre denunciar, um armazem, por onde os desejosos de os experimentar por si mesmos os possam facilmente conseguir.

Uma nova semente ou planta, uma nova machina ou instrumento, um novo livro ou remedio, tudo á primeira ordem dos nossos subscriptores se mandará vir pelos correspondentes, que já para isso temos em Paris e Londres, e muitas vezes muito antes d'essa ordem, para poupar delongas na aquisição dos beneficios.

Quando taes objectos (sementes, por exemplo) forem de baixo preço, a empreza poderá ter a satisfação de os distribuir gratuitamente aos seus subscriptores, como já fez com o *trigo imperial*, o *milho gigante*, a *cevada santa*, o *esparceto*, a *couve do Algarve*, etc. etc. etc.

No caso contrario, mui paga com a ideia de lhes ser util, ella não lhes exigirá mais

preço que o custo, seguro, fretes, e direitos que houver pago.

Os objectos mesmos mais dispendiosos, taes como machinas para fabricas, e outros, virão egualmente apenas encommendados, mediante, já se sabe, o prévio deposito, ou fiança, que haja de responder pelo reembolso.

Por este modo, muitas noticias, que até agora apenas vinham excitar cubiças inuteis, ou pesares, poderão, sem grandes embaraços nem demoras, converter-se em factos positivos e palpaveis.

*

Tão boa vontade, com a que nós mostramos, e sempre temos mostrado, de contribuir, quanto em nós cabe, para a prosperidade da familia portugueza, merece bem que os outros, tão membros d'ella como nós, nos coadjuvem em quanto d'elles depender.

Supplicamos pois novamente o que já tantas vezes, e quasi sempre de balde, temos pedido: que toda a pessoa, por quem qualquer das nossas receitas ou propostas houver sido experimentada, se digne, pelo interesse commum, de nos participar qual foi o exito que lhe surtiu, a fim de animar os outros, se foi feliz, ou de lhes poupar tempo, trabalho, e despezas, se (como tão a miudo acontece) o alvitre era falso, especioso, ou, (por alguma particular razão) inadmissivel.

Unicamente assim, é que uma obra da importancia d'esta se pode expurgar de muitos erros, e aperfeiçoar-se.

Nenhuma rasão de melindre para com a redacção impeça a quem quer que fôr de lhe acudir com as suas correcções. A redacção, de uma só coisa por ventura é vaidosa; mas essa coisa não é o don da infallibilidade, que ella bem sabe que não possue: é a sua ancia de servir e aproveitar.

*

A todos, e a cada um, continúa a redacção a pedir, como ha tres annos o faz, que lhe communiquem tudo de que possa, directa ou indirectamente, resultar utilidade, crédito, instrucção, ou augmento de brios á nossa gente, assim como os acontecimentos dignos de memoria, que por qualquer modo certo lhes constarem, acompanhados de todas as circumstancias que possam contribuir para serem lidos com curiosidade, conservados na lembrança, e relidos ainda com gosto passados annos; porque estas folhas da *Revista*, que hoje saem descosidas, e com intervallos de sete dias, constituem a final volumes, que, diversos de muitos outros jornaes e livros, não hão-de ser anniquilados, ou ficar esquecidos e intactos, no fundo das livrarias ou dos sótãos.

Nas horas desoccupadas, nos domingos melancolicos e caseiros do outono, nos espaçosos serões do inverno, tão difficeis de encher a quem demora por longe das cidades grandes, a *Revista* velha virá muitas vezes, com a variedade das suas narrativas, cujo interesse nada tem que ver com as datas, entreter as attenções de muitas familias, e,

entretendo-as, semear, manso e manso, nos animos juvenís de ambos os sexos, principios de virtude, de rectidão, de humanidade, de generosidade, de respeito ás leis divinas e humanas, aos vinculos do sangue, aos da amisade, aos da sociedade.

Nas collecções de muitos outros periodicos, difficilmente se encontrará, de longe em longe, coisa que, passados poucos mezes, se possa reler com algum agrado; na d'este, pelo contrario, o hypothetico, o ligado essencialmente com os interesses transeuntes e fugitivos do dia, ou da occasião em que sahiu a lume, é tão pouco, tão absorvido na grande massa de coisas para todos os tempos, para todos os logares, e para todos os homens, que, apenas de muitas em muitas columnas, esses ledores futuros toparão com uma para saltar.

*

Mas digâmol-o, porque é justo:

Da confrontação que assim fazemos d'esta folha com a mór parte das outras, nenhuma deshonra pretendemos para ellas inferir. A sua profissão, os seus fins, o seu intuito, são outros, tambem necessarios, bons, e louvaveis, se os não desacompanha a consciencia. Elles pelejam; nós edificamos. Elles defendem as bandeiras que juraram por melhores; nós, humildes artífices, andamos apparelhando, para os que já cá estão, e para os que hão-de vir, o celleiro, a dispensa, a cosinha, a cama, a sala de aprasivel convivencia, a horta, a vinha, o pomar, o olival, as fabricas, as calçadas e estradas, os caes, as

escolas, o theatro, e o templo. ¡Que muito, que a nossa obra haja de durar mais do que a d'elles!

Os militantes armam barracas, que, depois de um vasto rumorejar de algumas horas, se enrolam e desapparecem; como, apoz uma batalha campal, os cadaveres que juncam a terra, o fumo que ensombra os ares, os feridos que blasfemam e amaldiçôam, os vivos e sãos que tocam os hymnos da victoria, tudo se esvai sem deixar vestigio. Não assim os pobres obreiros: vão-se elles tambem, e esquecerão; mas fica e permanecerá a cidade que erigiram, que alindaram, que rechearam de commodidades, de delicias, e de força.

*

Seria difficil reunir no espaço d'esta folha (que algum dia, se a fortuna favorecer o nosso empenho, apparecerá duplicado) maior copia de boa leitura; ou, falando mais posi tiva e materialmente, como requerem os habitos e estylo da nossa edade, sería muito difficil, se não impossivel, dar mais fasenda por tão baixo preço.

Sommam os nossos tres volumes findos: 1:768 paginas, que veem a ser em columnas 3:536.

Cada uma d'estas columnas, em formato regular de *oitavo,* daría 2 paginas; o que somma paginas 7:072, suppondo que n'esse formato de *oitavo* se não empregava typo mais graudo.

Reduzindo porém a *pandeta* o muito *breviario* que temos dado, por um calculo baixo

subiria este numero de paginas ao de 7:500.

7:500 paginas divididas por volume de trezentas, daria 25 volumes; isto é: cada um dos nossos tres contém avantajadamente a materia de 8 volumes, e não custou a cada subscriptor mais do que 2$400 reis; isto é: sahiu-lhe cada volume de *oitavo* pelo vil preço de 300 reis.

Verdade é, que, para podermos chegar a este resultado de abundancia e barateza, houvemos de sacrificar algum tanto a formosura typographica ás considerações da *utilidade* real, que para um jornal de conhecimentos *uteis* deviam ter o primeiro logar. A nossa pagina alaga, quasi, as suas margens; é cerrada e massiça; sem intervallos em branco para lisonja dos olhos; sem lettra grande nos artigos mais distinctos, para attrahir, antes muitas vezes inçada do caracter mais miudo que na casa temos.

Se em tudo isto havemos peccado contra o Bello, merecemos remissão, quando não seja louvor, porque antepozémos á satisfação de apparecermos alindados o empenho de aproveitar mais, e servir melhor.

Por aqui ficamos.

*

De dois novos projectos que temos, e que esperamos poder realisar já n'este volume, não obstante as difficuldades que se lhes oppõem, ambos tendentes ao aformoseamento e maior agrado da *Revista Universal*, não ha fazer por ora grande alardo; mas summariamente vá dito, que é o primeiro ador-

nar com gravuras o nosso texto; o segundo, ajuntar ao capitulo das noticias (para condescender com as reiteradas supplicas de muitos subscritores) as das modas, competentemente illustradas com pinturas. Mas, repetimol-o, se algum d'estes empenhos, ou ambos elles, se realisam, não poderá ser ainda nas primeiras semanas.

*

Insensivelmente nos havemos alargado n'este prologo, mais do que a principio promettêramos. Levou-nos apoz si o gosto de conversarmos com os nossos amigos, que em tal conta folgamos de ter aos nossos leitores. A um extravio tão bem causado todos elles darão venia.

(*Rev. Univ.*)

CXXXVIII

PROLOGO

á traducção do romance «O Judeu errante» de Eugenio Sue por Adriano e José de Castilho

(Julho de 1844)

I

Não basta um talento distincto; é necessario haver recebido da Providencia aquillo que só, secular ou millannariamente, apparece de relampago: aquelle indefinivel complexo de excellencias moraes e intellectuaes, a que as Linguas antigas não deram nome, e que os modernos chamam genio, para revolver o mundo com um escrito, que não é declaração de paz ou guerra, ou contrato commercial entre nações poderosas, que não annuncia revolução alguma da Natureza, nenhum descobrimento, nenhum invento, d'estes que reformam a face da terra, como a Imprensa e o Vapor; emfim, com uma obra que não accrescenta elo algum á cadeia dos factos reaes, mas em que é só o espirito

quem fala ao espirito e ao coração, começando candidamente por lhes dizer: «Escutae-me, se quereis, que eu vou contar-vos meras fabulas.»

E' necessario, repetimos, ser um grande genio, para poder com uma tal obra suscitar as attenções do genero humano, e reunir em torno de uma penna, que nem ainda se presume o que ha-de escrever, as nações mais afastadas e diversas; fazer repetir em trezentas linguas os fragmentos de ideias que apraz atirar-lhes, e que por toda a parte se vão enthesoirando com viva fé, com certeza intima de que estas perolas, que se enfiam uma a uma, hão-de vir a ser a final um diadema.

Werther e *A nova Heloisa*, e, antes de Goethe e Rousseau, a *Clarisse Harlowe* de Richardson, foram ficções, de que a Litteratura de todos os povos se apossou, reproduzindo-as e vulgarisando-as; estão em toda a parte; todos as conhecem; por muito tempo se imitaram bem ou mal; todas, como se diz, fizeram escola; e essas escolas, pouco ou muito, ainda ahi vivem.

Mas a curta obra de Goethe, que sahiu inteira, e poude ser julgada antes de recebida, gastou annos para rodear a terra. A de Rousseau, que tambem sahira completa, e em cujo favor mil circumstancias n'esse tempo conspiravam, tinha carecido de ainda maior numero de annos para percorrer a mesma órbita. A de Richardson, na verdade, sahiu á luz pela primeira vez em fragmentos com intervallos semanaes; e não obstante, desde o começo da sua appari-

ção, prendeu irresistivelmente os espiritos de toda a Inglaterra. Cada folheto era anciosamente esperado; cada nova desgraça da heroina era sentida como de pessoa conhecida e amadá de cada familia; eram verdadeiros successos publicos. Entretanto, a popularidade da *Clarisse* não passou para fóra dos tres Reinos senão muito tarde; e o nome de *Lovelace* só a cabo de meio seculo chegou a ser, como hoje é, um proverbio universal.

Monsieur Eugène Sue logrou o que nenhum d'estes seus tres predecessores haveria imaginado ser possivel: em poucos annos alvoroçou e revolveu o mundo a subitas, e duas vezes, com meros prestigios da sua phantasia; e (falemos mais exactamente) da segunda vez com o mero prestigio do nome que da primeira havia conquistado. Se *Os mysterios de Paris*, publicados ás folhas, como *O Judeu errante* o começa a ser, mereceram, quasi desde o principio, o favor da França e dos estrangeiros, *O Judeu errante* estava apenas annunciado, quando já ás portas do jornal, que mercára o futuro prodigio por saccas de oiro, se apinhoavam dez mil e quinhentos subscritores novos; os prelos dos contrafeitores se desempachavam á pressa das fôrmas das obras mais vendaveis, para o reproduzirem em todos os formatos e por todos os preços; os desenhadores, os lithographos, os gravadores em madeira, em cobre, em aço, aprompτavam os seus lapis e burís; os jornaes alargavam o campo dos seus folhetins para o grande hospede; os traductores de todos os paizes

aparavam a penna, e accendiam todos os seus brios para umas justas tão honrosas como difficeis.

Irrefragavelmente, só um genio, e um grande genio, é que podia fazer e segundar uma tal revolução.

II

Pressupondo que o juizo universal se não pode enganar, seria aqui por ventura o sitio proprio para dissecarmos com uma analyse fria, e estudarmos para nós e para o Publico, as differentes partes de meritos de que este genio se compõe.

Mas um tal exame em Portugal seria excusado para a quasi totalidade dos leitores; enjeital-o-hiam como vaidosa puerilidade. As coisas que já se fazem em toda a parte, e em toda a parte se apreciam, ainda aqui se não podem ousar, nem bem se entendem. Temos ainda de passar nosso seculo e meio, para chegarmos aos Europeus de hoje; e então, provavelmente, estaremos outro seculo e meio atrazados dos Europeus d'essa edade. São pensões de quem é pequeno.

Fique pois para d'aqui a cento e cincoenta annos uma tal analyse (que já então se não fará), e digâmos simplesmente, que a dois, em nosso entender se reduzem os meritos de Monsieur Eugène Sue como escritor: uma rasão altissima, manifestada por uma tendencia e exforços constantes para o progresso social, e uma grande viveza de phantasia e de affecto; tudo acompanhado de uma arte de escrever apuradissima, e a muitos respeitos original.

Differente do commum dos novelleiros, que, ou se não propõem fim algum moral, ou se limitam, quando muito, em comprovar com mais algum exemplo feitiço os principios já assentados, acceitos, e sabidos, Monsieur Eugène Sue tende sempre ao resolvimento de algum dos problemas mais remontados e espinhosos para a felicitação da nossa especie.

Deixa aos philosophos discursadores o trabalho tedioso, e talvez inutil, de theorisar reformações.

A's utopias, ora judiciosas ora insensatas, mas sempre glaciaes, d'esses escritores de além-mundo, que poucos lêem, menos ainda entendem, e nenhum Principe nem Legislador se aventura a verificar, Monsieur Eugène Sue substitue, por que assim o digâmos, a parábola dos nossos dias; corporalisa o raciocinio; entrega-o ás turbas, falando a sua Linguagem; e deixa-o ficar lavrando por entre ellas, conquistando as vontades e os entendimentos ao mesmo tempo, e preparando, pela transformação vagarosa e calada das moléculas da sociedade, os seus vindoiros factos.

Esqueçâmos as outras suas obras; olhemos só para os *Mysterios* e para o *Judeu*.

Nos *Mysterios* vimos a eterna questão dos publicistas, a questão da pena de morte, resolvida por um modo inesperado, e talvez o mais plausivel.

No *Judeu* temos de ver outra ainda muito mais alta questão, a mais social de todas, e de todas a mais urgente, a da felicitação dos operarios, examinada, e, se não é chymera

esperal-o, talvez decidida. Tal é, pelo menos, o nobre fim que o autor se propoz.

Se não chegar lá, haverá pelo menos feito importantes descobrimentos no caminho, e facilitado aos que depois vierem o modo como se ha-de, se não terminar, ao menos diminuir e consolar, o longo martyrio da fome, nudez, cançasso e desalento, á grande maioria de cada povo.

III

¿Quaes são, porém, os meios por onde elle nos ha-de conduzir a tão maravilhoso resultado?

¿Será pela subversão (impossivel, ou perigosissima) de toda a constituição e forma de ser das sociedades actuaes?

¿Ou ensinar-nos-ha a reconstruir o edificio, sem lhe desfazermos os seus fundamentos antigos e inamoviveis?

Ninguem por ora o rastreia.

Entretanto, um conhecedor do mundo positivo, como este é, um pensador tão seguro e judicioso, um respeitador assim dos costumes e da ordem, não é de temer que nos venha alvitrar quebrantamento de laços, anarchia, e dissolução, como receita para prosperidade.

O personagem do Judeu, symbolisando o povo operario, a cuja classe pertence, e que, semelhante a elle, caminha sempre sem respirar nem consolar-se, já nos deixa, como quer que seja, antever, que no proprio Povo attentamente estudado, é que se hão de descobrir os elementos latentes, inertes, até hoje

desconhecidos (ou só mal conhecidos) do seu melhoramento e da sua ventura.

Todas as mais agras questões da economia politica, da industria, e da moral, teem pois de nos passar por diante dos olhos, claras, humanadas, revestidas de fórmas palpaveis e brilhantes.

A par da bella e genial figura do Judeu, outra nos apparece já, de relance, no começo d'este escrito, que nos dá a enxergar segunda intenção no escritor philosopho, quasi tão humana e generosa como a primeira: a de melhorar o barbarissimo destino das prostitutas. Esta figura é a de Herodias.

Herodias (ou nós nos enganamos muito) vai representar e advogar a causa d'essas mulheres degradadas da sublimidade do seu sexo; como Ashaverus, a d'esses rebaixados, por trabalho e miseria, para a condição passiva e ignominiosa dos animaes domesticos.

Não tendo, até este momento, sahido á luz mais que a decima parte d'esta obra, indubitavelmente immensa na intenção, singularissima no seu vasto plano, como já se vai descobrindo, e na execução artistica e poetica incontestavelmente riquissima, a cautelosa prudencia nos ordena, que suspendâmos aqui o discurso a seu respeito, guardando para quando a conhecermos toda o examinal-a, e assentar o nosso juiso sobre fundamentos mais sólidos que méras presumpções e conjecturas.

IV

Terminaremos este prologo, dizendo algumas palavras a respeito da presente traducção.

Logo que, em folhas de França, chegou a Lisboa o primeiro trecho do *Judeu errante*, persuadiu-se o Redactor da *Restauração*[1] de que importava fazer-se lhe aqui a mesma hospedagem, que em todas as partes do mundo lograria; e deu-se pressa de o mandar traduzir, para apparecer, como appareceu, logo na sua folha da seguinte manhan, e continuar, como tem continuado, sem interrupção em quanto na chegada do original francez a não houvesse.

Para cabal desempenho, elegeu pessoa versada no conhecimento de ambas as Linguas, e de melindrosa consciencia; pessoa que não deixasse de empregar todas suas forças e exforços, a fim de, com tão apertados prasos de horas, tomadas quasi sempre na alta noite, e portanto sem nenhum subsidio externo, sem o melhor conselheiro litterario, que é o tempo, sem até o ter para o primeiro desbaste do que inevitavelmente sai da forja aspero e defeituoso, apparecer a traducção o mais fiel, e ao mesmo tempo o mais livre e o mais vernácula, que ser podesse.

Essa mesma traducção é a que hoje se reimprime avulsa, e aos volumes, e que mostrará aos leitores, habilitados para a julgarem, quanto os esforços certamente improbos do traductor teem sido, em geral, bem succedidos.

Convidaram-nos a escrever este prologo, para n'elle declararmos o nosso humilde juizo sobre o assumpto, que, podendo parecer

[1] José Feliciano de Castilho, irmão do Poeta.
Os EDITORES.

leve, certamente o não é, pois que encerra duas questões, hoje influentissimas para as nossas Lettras: a da arte de traduzir, em particular do francez, e a do modo de usar da Linguagem patria.

Submettemo-nos ao encargo, com a clausula, proposta e acceita, de não falsearmos os dictames da nossa consciencia, nem semearmos, por affeições particulares, erros (que ás vezes germinam muito) em campo, que, por ser commum e de publico uso, todos devêramos de dia a dia andar mondando.

Não nos inculcamos oraculos; mas não queremos tambem que se nos applique aquella sentença, que a rasão proferiu pela bocca de Chénier:

L'excès de modestie est un excès d'orgueil.

Temos pratica de traduzir; pratica larga, assídua, e de muitos annos. Havemos estudado com attenção e diligencia a constituição, indole, defeitos, e excellencias, da nossa Lingua e da franceza. Havemol-as reiteradas vezes confrontado. Havemol-as feito lutar arca por arca; espreitado onde estavam as forças e as debilidades de cada uma; e, quando ficava de cima ora esta ora aquella, investigando imparcialmente se era por valentia sua propria, ou por dextreza filha do uso, ou por sancadilhas e trêtas de fraquinha astuciosa.

D'este nosso estudo, prolixo e perseverado, deduzimos somma de exemplos, sufficiente para podermos inferir, com tal qual segurança, algumas regras geraes, e conselhos de proveito, sobre a arte de traduzir, espe-

cialmente do francez; coisa de pouco vulto por parte da gloria, por não ser fruto de talento inventivo mas só de observação, e entretanto digna de ser, como brevemente o será, offerecida aos estudiosos, a quem forrará muitos tropeços e quedas, sem os obrigar a tediosas e prolixas lucubrações.

Dizemos pois, que a presente versão do *Judeu errante* nos parece boa; e, attento o modo como foi feita, admiravelmente boa.

V

Escreve um dos mais competentes juizes em materias de Litteratura, Monsieur La Harpe, tratando das traducções de Vaugelas, de d'Ablancourt, e de Tourreil:

«O por onde estas mereceram e grangearam estimação, consistia no muito attender á pureza e exacção de Linguagem, coisa mui conducente para os progressos de que a mesma Linguagem era n'esses tempos susceptivel. Mas haviam de ter ajuntado a esta louvavel diligencia o talento de se embeberem do espirito do autor, e de o fazerem falar em francez como no seu idioma natural.

«De tal façanha é que elles distam muito. Nenhum dos tres se pode comparar com o seu respectivo autor, para os que bem o conhecem.»

«A traducção de um grande escritor — continua ainda o Mestre da critica — é uma luta de estylo, e rivalidade de engenho. N'esse tempo os que de seu o tinham não se metteram em tal; só n'este seculo, por-

que já os recursos da Lingua são mais geralmente conhecidos, e os generos começam de se exhaurir, é que alguns homens de alta esphera advertiram, em que podia haver gloria no fazer com que um antigo ressuscitasse; e só tambem em nossos dias é que as traducções são obras de talento, e documentos perduraveis de celebridade.»

No que se acaba de ler se cifram tres verdades capitaes, que hoje, mais que nunca, se devêram de continuo repetir:

1.ª — que a versão *boa* de um bom original não deshonra, se não que illustra, mas que seja a um talento abalisado;

2.ª — que, para que a versão seja boa, ha-de ser escrupulosa, exacta, e purissima na Linguagem;

3.ª — que deve, sem transtornar o substancial do pensamento e affectos do autor, vestil-o e ornal-o completamente á moda e gosto da terra em que se pretende naturalizar.

Quanto a este terceiro axioma, cujo sentido os Francezes ampliam em demasia, nem todos os preceptistas e praticos vão concordes; os melhores, entretanto, o defendem e seguem; e Voltaire (com sobrada rasão, em nosso entender) chega a affirmar, que o traductor que se pavoneia de fiel até em pontinhos, é de todos os traductores o infidelissimo.

Já antes de Voltaire, Rollin; antes de Rollin, Quintiliano; dois mestres summos de toda a arte de escrever; e antes d'elles o Virgilio da prosa, aquelle immortal Cice-

ro, que tambem foi traductor, e tambem deu com os exemplos as regras de traduzir, haviam pregoado e mantido a liberdade no transplantar de Lingua para Lingua, e insistido n'aquillo mesmo em que nós sempre insistiremos: que entre a paráphrase e a copia é que está a verdadeira traducção, aquella que descobre, patenteia, e exalça, ao mesmo tempo, dois autores.

Mas esta questão, que necessita de mais amplo desenvolvimento, não cabe aqui. Em tempo e logar proprio a averiguaremos.

VI

Affirâmos agora, por aquelles dictames já citados de La Harpe, a traducção de que tratamos.

Pureza de Linguagem

De tres partes consta a pureza da Linguagem:

palavras genuinas, tomadas na verdadeira accepção;

correcção grammatical no uso d'ellas;

collocação dos vocábulos e phrases segundo os costumes, geito, e indole peculiar da Lingua em que se escreve.

Em todos estes tres pontos se ha-de ser severo; mas nos dois ultimos severissimo, e inexoravel.

O estrangeirismo de palavras, que é aquelle a que os criticos de agua-doce não perdoam, porque é o unico a cujo conhecimento podem chegar, que para isso basta (mas nem sempre) folhear um diccionario,

é de todos os peccados de Linguagem o mais remissivel.

As palavras, disse muito bem Horacio, são como as folhas das arvores: dá-lhes o Outono, e caem; vem-lhes a Primavera, e nascem; e ainda accrescentou que renascem muitas das já cahidas. Muita palavra, que hoje é portuguez legitimo, foi gallicismo na sua origem. A muitos gallicismos de hoje acontecerá o mesmo d'aqui a seculos.

Defenda-nos Deus de louvarmos, e até de absolvermos, os que, só por culpavel ignorancia da patria Lingua, ou por garridice de peralvilhos, nos mettem para ahi todos os dias, em derrancadas e semsabores traducções, cardumes de vozes peregrinas e desnecessarias, muitas vezes menos energicas e vigorosas do que as nossas equivalentes, e sempre repugnadas dos bons ouvidos. Dizemos só, que os neologismos d'esta especie, sendo que podem vir ainda a alcançar carta de legitimação, e fôro de cidade, não são tão abominaveis como a falsificação da grammatica, de que tantos mil exemplos saem por ahi todos os dias, e a violação da natural contextura portugueza, a que chamam (¡ sandeus madraços!) servilismo, beatério, affectação, e não sabemos que mais.

N'outra parte ajustaremos contas, e lhes provaremos, com evidencia, que immensa vantagem logica e artistica leva a toda essa *gallici-parla*, tão tolamente presumida de clareza (que não tem) o nosso dizer semilatino, variado, numeroso, e poeticissimo até na prosa.

Por parte das palavras, não diremos que

se não encontrem, n'esta versão, uma ou outra ainda não sufficientemente autorisada, e por ventura superflua, posto que não tantas nem taes, como as de que por ahi anda inçado e comido o vulgo dos escritos d'este genero. Poucas são, e não são escandalosas.

A contextura, porém, do periodo, essa (affoitamente o sustentamos) é, sem embargo de algumas excepções, a que a forçada rapidez do trabalho facilmente conciliará vénia de todos os que sabem o que é escrever, portugueza, portuguezissima, e tal, que, sem medo nem vergonha, pode desafiar a um e um todos os seus contendores.

Paginas inteiras se lêem, em que os bem costumados com o falar da nossa terra nada topam que os desafine, e os obrigue a traduzir mentalmente a phrase antes de se irem ávante com a leitura.

Transfusão do espirito do autor

Outro merito é este, quanto a nós, e talvez o mais notavel da presente versão.

O Academico Tourreil, que ensinou melhor a theoria da arte de traduzir, do que não a praticou para com Demósthenes, diz no seu prefacio:

«Ao tormento perpetuo, que soffre um traductor de se andar sempre na cola de outrem, accresce a differença das Linguas. Esta differença é um empacho continuado, e chega ás vezes a desespero. Toda a gente sente que a indole peculiar de uma é muitas vezes avêssa á da outra, e que n'uma

versão é muito mais raro que se não perca.

....

«Verdade é que, logo que me eu proponho traduzir, me obrigo a ir atraz de um homem a quem tomei por guia; mas o melhor que então posso fazer é pôr todos os meus sentidos, em que a minha adhesão ao tal guia não degenére em escravidão; porque aliás, irei pôr no logar de originaes animados e vivazes umas copias apagadas e mortiças...

«Se com autoridades me quizesse para aqui abonar, não me faltariam ellas de bons escritores, que em lances taes se esquivam á tirannia da lettra, senhoreiam-se do sentido, e, por um quasi direito de conquista, o submettem ao ser e crer proprio da patria Lingua.

....

«A primeira obrigação de um traductor é tomar bem a si o talento e indole do autor que vai traduzir; tranformar-se n'elle o mais que possa; enfrascar-se nos affectos e paixões que se obriga a transmittir-nos; de sorte que se a nossa Lingua, por nimio confrangida com a sujeição a uma correspondencia perfeita das figuras, phrases e construcções, não pode ministrar-nos o necessario para tudo aquillo, devemos de nos libertar de semelhante servilidade, e permittir-nos toda a soltura, que nos proporcione com que pagarmos em equivalentes.»

Madame Dacier define por *boa traducção*, «a que não é servil, se não generosa e nobre; que, aferrando-se fortemente ás ideias

do seu original, procura as formosuras do idioma proprio, e dá as imagens sem contar as palavras.

«A primeira, — diz ella — com a sua fidelidade harto escrupulosa, degenera em infidelissima, porque para conservar a *lettra* arruina o *espirito*, o que só pode caber n'uma alma fria e esteril; ao mesmo passo que a outra, que só forceja por conservar o espirito, não deixa, ainda que isenta, de respeitar tambem a lettra; e, por via dos seus rasgos ousados, e verdadeiros sempre, não fica sendo só, a respeito do seu original, um fiel transumpto, se não tambem ella mesma original; dita que jamais não ha de ser lograda senão por engenhos solidos, nobres e creadores...

«Traduzir um escrito não é copiar um painel, que ahi o pintor se assujeita a seguir traços, proporções, contornos, posturas e tudo que lá está no seu original. E' outra coisa totalmente diversa.

«Traductor de lei não quer as mãos tão prezas. No seu imitar, como em todos, ha-de a alma encher-se das formosuras que a namoraram; inebriar-se com os deliciosos vapores, que do fecundo manancial por ella escolhido se levantam; deixar-se arroubar, ir-se em extasis com o enthusiasmo que era de outrem; tornal-o seu proprio, e vir assim a florir e frutear expressões e imagens, ainda que semelhantes, differentissimas.

Isto é o a que pôz peito o nosso traductor, e o que geralmente se pode dizer que tem logrado.

Metteu-se bem por dentro no animo do escritor; correu-lhe os recantos e labyrintos; não parou diante dos vultos maiores que por lá se antolhavam em cardumes; embetesgou-se por entre elles, a desencantar os minimos e mais refugidos para o fundo das sombras do estylo. Onde os encontrados e phantasticos reflexos das phrases deslumbravam, desviou-se, para ir escrutar o confuso objecto por outro lado, e palpal-o no seu natural; e só depois que se persuadiu haver bem reconhecído tudo, sahiu, para nos dar conta, á sua moda e á nossa, de quanto vira e descobrira: sem diminuição, sem acrescentamento, sem mudança na substancia, mas livre e senhoril no dizer, como quem já narrava do seu, e por sua conta. No escrever cada pagina, já não perguntou com que palavras escrevêra a sua Eugène Sue, mas sim com que palavras Eugène Sue a escreveria, se, nascido Portuguez, escrevesse portuguez para Portuguezes.

Bello e nobre era o empenho. ¿ Conseguiu-o ? Só essa deve ser a questão.

VII

Quanto a nós, conseguiu-o quasi sempre.

Se alguma censura n'este particular lhe houvéramos de fazer, não sería senão de se ter deixado, uma ou outra vez, fascinar por uma chymérica ambição, que talvez lhe fez dar seus passos fora do bom caminho; qual foi, a de embutir com a nossa Linguagem tambem costumes nossos, onde não cabiam; persuadido de que com esse supplemento ia

caracterisar mais sensivelmente o pensamento ou affecto do escritor.

Poremos um exemplo:

No rico, e ricamente traduzido dialogo entre o soldado e o burgo mestre na estalagem do *Falcão branco*, isto é, n'uma conversação entre um Francez e um Allemão, dão-se e amiudam-se os tratamentos de *Senhoria* e *Mercê*.

Se entre gente de Portugal fôra a scena, em que o autor houvesse empregado de parte a parte o *Vós*, a boa versão deveria inquestionavelmente suppril-o pela *Mercê* e *Senhoria*, e ninguem por isso a taxára de infiel; e se infidelidade se lhe podesse chamar, infidelidade era essa, que o mesmo autor devêra agradecer; até porque assim é que se dava completa a expressão da ideia que elle teve, que elle mostrou, mas que no seu idioma não poude manifestar completamente, porque no *Vós* não ha as variedades, os tons, e semitons, de respeito, desprezo, sujeição, altiveza, e dependencia, que os papeis de Dagoberto e do magistrado requeriam, e que a *Senhoria* e as dfferentes formas de *Mercê* definem maravilhosamente.

Esta ancia de bem pintar os affectos pelas palavras, foi sem duvida a que desvairou um juiso tão seguro como delicado, até ao ponto de fazer falar ao Tedesco, e ao soldado de Napoleão, como era impossivel que elles nunca se exprimissem, nem se entendessem.

E' verdade, repetimol-o, que, admittido como postulado um impossivel (admissão,

que de certo não é coisa muito facil), o dialogo portuguez tem, moral e dramaticamente considerado, mais subidos quilates que o francez. Todavia, nem a troco d'isso é licito, quanto a nós, alterar o que é por sua natureza inalteravel.

E' esta, na liberdade de traduzir, a principal e a mais attendivel restricção; aquella em que talvez se cifram todas.

VIII

Não saiamos porém d'este ponto, sem observar que, nos dramas e romances, esta á primeira vista bagatella dos tratamentos, é escolho grande, continuo, e quasi sempre inevitavel, no qual, desde Corneille, Racine, e Voltaire, que fizeram falar por *Vós* (com poucas excepções, que assim eram ainda novos defeitos) os Gregos, os Romanos, os Turcos, os Scythas, e toda a casta de gente, até aos escritores de hoje, todos teem constantemente naufragado.

Outro tanto (¿ quem sabe ?), trocadas as scenas haveriam feito os Romanos e Gregos, se ressuscitassem para traduzir os nossos romances, que (a falar verdade) não valeriam muito a pena da ressurreição. Ouvir-se-hiam em gracioso latim, ou em graciosissimo attico, os Reis receberem um redondo *tu* dos subditos; as casquilhas, dos pintalegretes; o Coronel, dos soldados; o Papa, do mais humilde e pingado sacristão do Vaticano.

Alguma causa deve para isto haver, e ha. Quando um povo lê na sua Lingua, exi-

ge, primeiro que tudo, que se lhe não quebrem os habitos recebidos desde o berço, os quaes para elle se tornaram natureza, e fora dos quaes poderá haver verdade, mas não pode haver para elle verosemelhança.

Nenhum Povo do mundo conhece a outro; mas cada um a si conhece-se muito bem. Violem-lhe antes os estylos peregrinos, mas que seja nos pontos mais graves, do que lhe adulterem os seus nos mais imperceptiveis accidentaes da pratica domestica de todas as horas.

D'estas ponderações, que nos parecem justissimas, concluimos nós que mui proveitoso sería, se não necessario, pelo bem entendido interesse das Lettras, e talvez por outras ainda maiores rasões de philosophia, forcejarmos por adoptar aquelle geral tratamento de *Vós*, que está, com poucas excepções, europeu, que já foi nosso, e que ainda dura vivo por muitos recantos provincianos.

Renascido este bom uso, para o que muito poderiam contribuir os frequentadores e frequentadoras de sociedades cortesans, imitadores perpetuos dos figurinos parisienses, ficaria destruido um dos peores obstáculos, que se oppõem a que o drama e romance original portuguez se desenvolva como aliás poderia.

Já n'outra parte haviamos alvitrado isto, mais explicado e motivado; mas não quizemos perder o lanço de o recordar, por ser interesse de muito maior tomo, do que á superficie se figura.

As diversas, e, em parte, contrárias reflexões, que tocámos aqui a respeito de trata-

mentos, absolvem, por um lado, se por outro culpam, o uso que d'elles fez o nosso traductor; mostrando como, emquanto não chegar a supra-indicada reformação, que todavia tem de vir, não é sempre possivel salvar um defeito se não cahindo n'outro.

Os que já uma vez houvessem traduzido, sem ser por empreitada, ou por fome, entenderão isto ás mil maravilhas, e bem vezes o haverão já pensado e repetido.

IX

Resumâmos:

Pura na dicção, e vernácula na contextura da phrase, a traducção do *Judeu Errante* é de uma tão escrupulosa lealdade para com o espirito do seu texto, que, se alguma vez (rarissimas) pecca infringindo a *lettra*, é ainda, e só, para encontrar mais esse mesmo *espirito*. E' o problema a que tende de continuo; sacrifica-lhe até parcellas da consciencia.

Tão leves manchas como estas são, e que só poderão parecer grandes por se verem em tão esmerado escrito, de esperar é que o traductor as faça completamente desapparecer nas ulteriores edições, que provavelmente deve ter.

A obra merece-o; e se os desejos de um amigo sincero, que ousa misturar a censura com a admiração, a alguma coisa dão jus, por nós lh'o pedimos, e em nome das Lettras lh'o supplicamos.

Por aqui iamos cerrar o nosso prologo, quando á mão nos veio o numero 61 do

Cosmopolita de 9 de Agosto de 1844, em que, sob o titulo de *O Judeu errante, traducção publicada na Restauração,* se lê um artigo de admiravel e escandalosa injustiça; e tanto mais admiravel, quanto por elle mesmo se reconhece, que o seu autor (quem quer que seja) professa Lettras; e que o peccado, que sem provocação, que espontaneamente, que por mera veleidade, vem commetter á face do mundo, não é a ignorancia quem o obrigou a commettel-o. Algum motivo o deveu forçar a esse doloroso sacrificio de consciencia.

Sacrificio, sim, doloroso e dolorosissimo, sim, pois que, n'uma questão que era litteraria, não só não ousou, como nós ousamos, nomear-se, mas, com a phantastica assignatura de duas lettras ficticias, procura destramar de antemão as diligencias de quem quer que desejasse conhecel-o.

Este artigo, como um pequeno documento para a grande Historia da moralidade da Imprensa em nossos dias, merece ser desenterrado do jornal onde jaz, e visto e admirado por toda a gente. Eil-o aqui:

«Uma traducção deselegante não é boa mas é desculpavel; uma traducção infiel, essa, quem ousar fazel-a não merece ser absolvido; que, dos peccados do traductor, temos que é este da infidelidade o mais grave de todos.

«E fazer uma traducção fiel, é trabalho mais difficil, do que geralmente se cuida; e o qual, para ser bem desempenhado, demanda o complexo de muitos predicados, que

não possue qualquer sujeito; e se vemos tantos, que se presumem habilitados para traductores, e se mettem a sel-o, é porque a ignorancia é atrevida.

«Alguem é de opinião que o meio-saber é peor que a ignorancia absoluta. Em these, não admittimos esta opinião; mas que ella é muita vez verdadeira, com isso concordamos.

«A epoca do meio-saber é perigosa, porque é uma epoca de illusões. Não ha tempo nenhum em que o homem presuma saber tanto, como o tempo em que elle se senta nos bancos das aulas; isto é, o tempo justamente em que elle sabe menos. E pode estabelecer-se, que a presumpção do homem anda na rasão inversa do quadrado do seu saber; quanto mais estreito é este, tanto mais larga é aquella. Nós nunca nos esqueceremos (porque esses tempos não esquecem) do tempo em que frequentámos as aulas chamadas, não sabemos se com propriedade, de Philosopia racional e moral. Com termos decorado meia duzia de canones de logica, e quatro theoremas de metaphysica do Genuense, tinhamo-nos por um metaphysico consumado; cuidavamos que haviamos alcançado o *non plus ultra* da sabedoria humana; e argumentavamos, mui sobre nós, sobre a existencia de Deus, a immortalidade da alma, e outros problemas d'este jaez, os quaes nós desenvolviamos com um desembaraço, que nem que foram axiomas. E sómente depois que fomos aprendendo mais, foi que proporcionalmente nos fomos convencendo de que sabiamos menos; e hoje

dizemos com Santo Agostinho (perdôe-se-nos a comparação): que a nossa ignorancia é infinita.

«Semelhantemente, quando cursámos as aulas de Linguas estrangeiras, e aprendemos umas poucas de duzias de significados, julgámos que, para traduzir cabalmente não careciamos de mais que folhear o diccionario, e trocar a palavra extranha que fomos procurar, por outra portugueza que ahi achámos. Outra illusão, que se foi desvanecendo na mesma proporção. E hoje estamos convencidos de que essa troca de palavras, no traduzir, é o menos; que, afóra o diccionario, carece o que se propõe ao officio de traductor, de ter multiplicados conhecimentos da litteratura e philologia de ambas as Linguas, da historia civil, politica, e religiosa da Nação do autor; estar versado nas materias que formam o assumpto da obra, etc., etc., etc.

«¿E o sujeito que se encarregou de traduzir o *Judeu errante* estará por ventura munido d'estas habilitações, sem as quaes não ha traducção capaz? Nós não temos a honra de saber quem elle é, mas se pela unha se conhece o gigante, e pelo fruto a arvore, ousamos dizer (o que muito nos pesa) que esse traductor, quem quer que elle seja, está por ventura n'aquella doce illusão em que nós tambem já vivemos: é dos que cuidam que o traduzir se cifra todo em trocar uma palavra franceza por uma portugueza.

«A traducção do *Judeu errante*, que vem publicada na *Restauração*, sobre outros peccados tem o mais grave de todos: não é

fiel. Eugenio Sue, se a visse, apostamos que a enjeitava, e a não reconhecia pelo retrato do seu *Judeu*. O traductor passou por um cento de instancias sem as comprehender, nem fazer d'ellas ideia genuina e adequada. E assim, pôz na bocca do romancista francez muitas expressões, que elle nunca proferiu.

«Se nos não quizessemos limitar á accusação da infidelidade, tiveramos muitos pontos fracos, por onde abrir brecha na obra; e especialmente aquelles termos esdruxulos, que o traductor usa sem tom nem som, somente porque os achou no diccionario. E não se abone com Filinto Elysio, que esse empregou os, sim, mas como e quando convinham, e não a esmo.

«Tambem nos podem objectar, que, no julgar de periodicos politicos, a critica litteraria deve ser menos severa, e mais indulgente. Distinguimos. Nos artigos de Politica propriamente dita, de noticias, etc., sim, que não ha tempo de os desbastar; nos puramente litterarios, como este do *Judeu*, não.

«E se isto é applicavel a qualquer periodico, muito mais o é á *Restauração*, a qual (franca e sinceramente o dizemos) é por ventura o periodico que contém artigos melhores, litterariamente falando.

«Por honra e credito das Lettras portuguezas, rogamos aos illustres Redactores da *Restauração*, que procurem, para lhes traduzir o *Juif errant*, um homem que saiba interpretar Eugenio Sue.»

J. F.

*

Depois de tudo que temos escrito, seriamos d'aquelles *gastadores maus do tempo*, a quem o nosso Poeta não perdôa, se nos detivessemos em refutar, por qualquer modo que não fosse por negação redonda e absoluta, quanto aqui se diz do traductor e da traducção.

Para devermos, e até podermos, combatel-o com rasões distinctas, terminantes, individuadas, deduzidas do escrito que elle reprova, e que nós approvamos, era mistér e indispensavel que o seu houvesse apresentado, em vez de enunciados geraes e livres ditos, algum argumento positivo, alguma demonstração de facto, d'onde taes consequencias se seguissem. O dizer simplesmente «Não presta», é de todas as coisas a mais facil, principalmente para quem não assigna o seu nome; mas é tambem, de todas as coisas, aquella a que menos se pode responder, salvo do modo por que nós o fazemos, que é dizendo e repetindo: PRESTA.

Lettras, porém, em parte nenhuma do mundo se tratam assim. Apontem, clara e explicitamente, os defeitos; sejam ahi severos; sejam hypercriticos; açoitem até aos ossos, até ás visceras, se lhes praz; farão dores ao censurado, mas não importa, que haverão feito bom serviço ás Lettras e mais á Patria.

¿Não merece elle o cançasso de uma analyse? Pois façam coisa ainda melhor que uma analyse: eclypsem-n-o escrevendo melhor do que elle; ensinem-n-o pelo exemplo, que é o grande modo de ensinar.

Quando lhe gritarem «Não prestas», accrescentem logo, e em voz ainda mais alta: «Mas aqui estou eu, que presto; vejam, aprendam, e sigam-me se podem.»

D'aqui até lá, não se espantem, se o seu esgrimir de pantomima e sem armas o não fere. Não se offendam, se elle lhes tornar, por unica resposta, a que dava Marcial a um detractor dos seus livrinhos:

Hæc mala sunt, sed tu non meliora facis.

*

D'esta substituição, que hoje alguns fazem, da maledicencia á analyse, da satyra á critica, e até do autor á obra, resulta um funestissimo prejuizo, n'uma terra onde a cultura das Lettras não só não rende vinte, cincoenta, ou cem por um (como n'outras partes), se não que, pelo commum, nem um por mil chega a render.

Os que seguem as Lettras por amor e vocação, e não por commercio e traficancia, são raros; e, para se irem aonde a Natureza e o seu destino os hão chamado, teem que vencer obstaculos continuos, fragosos, assustadores: o desamparo e a penuria; as preferencias dos que valem menos; os desdens, quando não os desprezos, das turbas, a quem tudo que é vivo parece pequeno; as fadigas do estudo; os dias solitarios; as noites veladas; a saude perdida; o testamento vazio; a futura miseria da mulher e dos filhos; as cans antes da velhice dos annos; a agonia cheia de arrependimentos pelos trabalhos mal empregados e estéreis; a m[illegible]

antes da hora, e antes de se ter vivido; e para o cadaver um lençol rôto, e a caridade da Lei. E só depois de cem ou duzentos annos quatro lettras sobre uma pedra, se já antes d'isso o sitio dos ossos se não perdeu.

*

¡Quanta fé, quanta força de vocação, se não ha de mistér, para não desmaiar! ¡para não refugir para o mundo do pão, do oiro, das honras, das festas, dos enredadores felizes, dos insignificantes laureados, dos doidos em prosa com estátuas, e dos sandeus vazios com apotheóse!

O perseverar e progredir é façanha, a que só se pode comparar a do missionario, prégando, civilisando, padecendo, e morrendo martyr em terras barbaras.

¡Que será, se, por cima d'estes montuosos e asperrimos obstaculos, se amontoam ainda as insensatas e malignas perseguições, já patentes, já sollapadas, dos confrades e irmãos da mesma Religião intellectual! Resistir-se-hia a tudo; mas succumbe-se a isto. Pende-se a cabeça; correm involuntarias as lagrimas do desalento; encruzam-se os braços no peito onde batia um coração; perde-se a fé; e dentro no corpo, ainda vivo, morreu a alma.

¡Desgraçados assassinos! mal pensam, mal cuidam elles, muitas vezes, a quem matavam.

*

Carro de Triptólemo é por toda a parte a Imprensa: chove sementes de abundancia, mas que levem seus joios á mistura.

A nossa é carro maldito, que chove em larga cópia as sizanias, e só por milagre verte por entre ellas o bom grão.

Trabalhae, e matae-vos, para sahirdes com obra de primor, com a melhor, pelo menos, que as vossas forças comportarem. ¿Que lucrareis, afóra o testemunho da consciencia?

A vossa obra não se venderá, porque os ruins improvisos, e as traducções damnadas, terão já comido o dinheiro, o tempo, a vontade, e a paciencia, que o Povo podia dispender para leituras.

Se, pela relevancia do seu merito, podia ainda prosperar, mau grado esses contratempos, lá sai de traz de um prelo um braço descarnado, que vol-a rouba.

¿Queixais-vos? Ao vosso queixume só responde o ranger do mesmo prélo, que a reestampa, e o riso insolente do impressor, que a chama *sua*, porque vol-a estropiou e vos chama nescio.

¿Vingar-vos-hão ao menos os outros prélos? Calam-se; que estas questões, que são só de intellectualidade e de moralidade, não os tocam; e se algum falar, será talvez ainda para vos denegrir!

¡Mas os jornaes! ¿Não são elles o livro do seculo XIX, o livro do Povo, o vehiculo da illustração, da verdade, da justiça? ¡Os jornaes! ¡os jornaes!... Se conheceis os redactores, ou os amigos dos redactores, imprimirão o elogio, que lhes houverdes ditado, ou que vós mesmos houverdes escrito, do vosso livro, embora vazio de todo o genero de merecimento. Se vos aborrecem, ou se

não sois da sua *côr politica*, ainda que optimo seja, enterrar-vol-o-hão á nascença, e sem baptismo. Se lhes sois desconhecido ou indifferente, por melhor ou por peor que hajais escrito, passareis tão sem castigo nem premio, como se nada houvesseis feito.

¿E a inveja? ¡Oh! na inveja não falemos.

*

¡E é esta a Imprensa, que a si mesma se chama todos os dias (¡ pobre fátua!) a cadeira, o pulpito, a tribuna e o tribunal, do seculo XIX!...

Ha excepções nobres; mas tão raras são, que não contrastam a generalidade; e se para alguma coisa servem, é só para a tornarem mais notoria, mais hedionda, e mais abominavel. Graças a Deus, que somos nós d'essas rarissimas excepções. Se este louvor nos damos aqui, é só por estarmos em terra e em tempo em que se tornou indispensavel, para qualquer haver justiça na republica litteraria, o fazel-a a si proprio, por suas mãos, e inteira.

Digam todos: quantas vezes, por odio ou por mesquinha rivalidade, deixámos de medir cheio e de cogulo o louvor a quem quer que o merecesse? ¿quantas o denegámos, como animação, aos que ainda apenas annunciavam disposições para algum dia o grangearem? ¿quantas deixámos de nos eclypsar até onde era possivel, para brilharem os do nosso mesmo officio? ¿quantas deixámos de atenuar e suavisar os golpes que a justiça nos constrangia a descarregar? ¿quantas deixámos de ser justos e miseri-

cordiosos para os inimigos? ¿quantas, emfim, calámos onde importava falar, falámos onde importava calar, e, falando, dissemos diverso do que era licito dizer?

Agora cançámos, é verdade, e retrahimo-nos para dormitar, até que alvoreça no horizonte das Lettras o dia da verdade e da justiça; que então volveremos, com as mesmas armas leaes, á peleja a que todos somos obrigados, mas que era impossivel para um só.

Até essa hora, que tem de tardar, seremos covardes como todos; mas o que não seremos nunca é infames, como alguns, roubando seja a quem fôr o preço do seu suor, a veneração devida aos seus talentos.

*

Este nosso prologo, que vamos depressa concluir com medo de dizer outras verdades, sería d'isto uma prova, se a nossa sinceridade não fôra de todos conhecida.

Nem as rasões de sangue e de fraternidade, que são grandes obrigações para modestia, nos poderam vencer a calarmos o bem que n'esta obra julgavamos descobrir, e deixal-a invindicada por nossa parte contra menoscabos injustos, ingratos e interesseiros; e ao mesmo tempo, porque era com quem da nossa verdade se não podia offender, quebrámos por esta vez, mas sem exemplo, o nosso protesto de não censurar, apontando e qualificando o que reputavamos por menos perfeito, ou vicioso.

Rua de S. Marçal, 23 de Julho de 1844.

CXXXIX

O TROVADOR

Periodico litterario de estudantes da Universidade de Coimbra

(Julho de 1844)

Recebemos o 2.º numero do *Trovador*, que deita de pagina 17 a 32. Com summo prazer o relemos, e com a maior sincerida de da nossa alma lhe repetimos os merecidos emboras, que démos á sua primeira apparição.

As poesias contidas n'este 2.º numero são:

A Lapa dos Esteios, por José Freire de Serpa,
A desperdiçada, por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro,
A orphan, por Luiz da Costa Pereira,
O sino da minha terra, por João de Lemos,
A recemnascida, por Augusto Lima,
A Virgem, por Antonio de Serpa,
Uma noite no Tejo, por Antonio Maria do Couto Monteiro.

De boa mente dariamos a nossos leitores amostras d'esta collecção, que, se fôr a diante, como esperamos, virá a ser um thesoiro de poesia; mas a escolha é tão difficil, que, faltando-nos espaço para copiar tudo, por melhor conselho temos enviarmos os nosos leitores a saciarem na fonte a sua sêde.

(Rev. Univ.)

CXL

S. JOÃO POETICO

Artigo de João de Lemos de Seixas Castello Branco, impresso na «Revista Universal Lisbonense»

(Julho de 1844)

ADVERTENCIA DE CASTILHO

Se alguem, lendo o que segue, extranhasse achar ahi o nosso nome tanta vez repetido, e tão coroado de favor, lembrar-lhe-hiamos que, ainda podendo arrancal-o, como coisa escura, murchada, e triste, d'entre tanta verdura, tanta luz, e tanta alegria, não o deviamos fazer. A amisade é tambem poesia; e a poesia não é historia; até os seus erros devem ser respeitados; porque, se para os olhos de fora são erros, por dentro conteem sempre o que quer que seja de mui verdadeiro, como gerados e nascidos no affecto.

Não sabemos se o *S. João poetico* deleitará a nossos leitores como a nós; mas coitados dos que, depois de o terem lido, não volverem a relel-o sem se sentirem; esses,

ou já sahiram das ultimas raias da mocidade, ou nunca a tiveram como deve ser. Por nossa parte, encantamento nos foi o assentarmo-nos em espirito a este festim sagrado dos poetas mancebos, que hoje occupam tão senhorilmente o logar, por onde nós tambem um dia passámos. Possam os que depois d'elles, inspirados pelo sol do Mondego, e cheios de toda a primavera das suas margens, se ajuntarem para semelhantes festins, possam pagar-lhes as saudades que elles hoje nos offerecem, e alegrar-lhes com amor o decahir dos seus annos, como elles nos alegraram o d'estes nossos. Poesia, e eterna mocidade, são o condão imperdivel da formosa Coimbra, já desde os tempos do Doutor Antonio Ferreira e Sá de Miranda. Todos os que por lá passaram o melhor dos seus annos verdes, e modularam ternuras e contentamentos á sombra dos sinceiraes, como as aves peregrinas, que das varias regiões acodem ao florir da estação nova, todos compõem uma familia unica e perpetua, em que os primeiros e os ultimos se hão-de sempre conservar unidos, olhando os moços para os velhos com affeição e sem orgulho, os velhos para os moços sem inveja e com benevolo sorriso.

Nós registámos as nossas memorias de felicidade no livro da *Primavera;* estes nossos herdeiros da juventude vão agora registar as suas no *Trovador*. Desejamos que o exemplo de uns e de outros seja seguido de anno a anno pelos vindoiros. Oxalá que os presentes, excedendo-nos muito, sejam ainda muito excedidos pelos successores. Todos

imos, todos nos allongamos, todos desapparecemos, mas as Lettras ficam, e ficam os creditos da Patria, que valem mais que todos nós.

(*Rev. Univ.*)

S. JOÃO POETICO

Iamos todos tão unidos em vontade, coformes em gosto, feriados de cuidados, crentes na ventura, cheios e cercados de poesia, e namorados da Natureza, que os todos só pareciam um, um só moço transportado em bemaventurança.

A. F. de Castilho—A PRIMAVERA —*Historia da festa de Maio.*

«No dia 24 de Junho de 1844, seriam 10 horas da manhan, quando os mancebos que escrevemos no *Trovador* nos embarcámos junto da ponte de Coimbra, para uma festa exclusivamente nossa; e que, não sei se com muita modestia, baptisavamos *Festa de Poetas.*

«Fôra escolhido o dia de S. João, como o Santo que é mais garrido, mais loução, e mais poetico do calendario; fôra escolhido, porque a véspera nos devia de aparelhar os animos com muita poesia, sollettrada nas alcaxofras, no crepitar das fogueiras, nas danças, nos descantes, nas bombas, nos foguetes, e em todo o folgar d'aquella crença do coração, que até Moiros na Moirama não desdenham. Fôra escolhido, finalmente, como unico talvez que n'este anno tivessemos desassombrado, para todos nós, dos trabalhos academicos.

«O nosso barco era aquelle que pertence á Commissão directora do encanamento do Mondego, e que por seu obsequio nos foi excepcionalmente emprestado. E' o barco mais galhardo e formoso dos que n'este rio navegam: grande, espaçoso, com uma camara no centro, aberta em quatro janellas envidraçadas por banda, uma porta para a pôpa e outra para a prôa, e dois postigos tambem envidraçados, aos lados de cada uma. Estava todo engrinaldado de ramos de loiro, buxo, e salgueiro; com os seus quatro remeiros vestidos de branco, e de varas levantadas, aguardando o signal da abalada. Este signal foi dado por um grito de alegria de todos nós, as varas desceram, o barco deslisou-se sobre a corrente de prata, como um pensamento de esperança em alma singela, e pôz a prôa á quinta das Varandas, situada na margem direita do Mondego.

«Entre risos e historias, cortadas de quando em quando, para nos embevecermos no mimosissimo panorama que a Natureza desenrolava á beira das aguas; entre um festejar sincero; entre canções namoradas e risonhas; entre muito crer, muito esperar e muito viver, foi transposta a distancia; e, quasi sem o cuidarmos, ouvimos dizer aos barqueiros: E' aqui; e vimos, quasi que mau grado nosso, abicar o baixel.

«Saltámos, e atravessando a quinta, fômos na casa escolher a sala onde haviamos de jantar. A escolha foi breve: a maior e mais alegre, como a alma de um mancebo. Guarnecemol-a de mesas e cadeiras, por nós mesmos conduzidas dos outros aposentos;

designámos a hora em que voltariamos para jantar; percorremos gostosos aquella tão linda habitação, tão recatada de verdes, tão rasgada em janellas, tão mimosa de vistas; e, no meio de jubilosos vivas, saudámos uma camara d'aquella casa, onde havia nascido o snr. José Freire de Serpa, nosso amigo, e companheiro na festa. Esta circumstancia só ali por elle revelada, dobrou o nosso amor pelo sitio que haviamos escolhido; quizemos-lhe como a coisa que nos falava ao coração; e, com este achado muito acarinhado no pensamento, embarcámos de novo, e partimos para a quinta das Cannas, que nos ficava exactamente defronte.

«Iamos todos tomados de respeito ao aproximar-nos d'aquelle caes, onde uma das arvores *se debruça*[1] *para saudar e cobrir com a sua sombra os bateis que chegam.* Iamos tomados de respeito para aquelle *frontal de heras, que ora ressaem como cabeços pendurados, ora se recolhem para phantasiarem lá por dentro suas grutasinhas e labyrinthos.* Iamos tomados de respeito para aquelle *bosque pequeno, onde os olhos se enleiam na confusão de troncos e folhagem*; como tendo á conta de profanação temeraria o aportarmos ali depois dos bardos da *Festa de Maio*, e do *Dia da Primavera.* Mas nós não iamos lá manchar esses eccos, tão melindrosos desde então; não iamos como sacerdotes, se não como ro-

[1] Debruçava, que já um inverno a enguliu, sem respeito á *Primavera* do snr. Castilho.

J. DE LEMOS.

meiros, visitando o templo com devoção e amor pela Poesia, que lá tem seus altares, com amor e devoção por quem nas festas da Primavera e Maio taes altares lhe tornou eternos.

«Ao desembarcarmos luziu nas almas de todos um sentimento; e, de cabeças descobertas, voou dos labios de todos um nome; o sentimento, era a admiração; o nome, era CASTILHO.

«Percorremos a quinta; divagámos, n'um delicioso encantamento, por aquelles tapetes de verdura e flores, por entre aquelles tufos e festões assetinados, por aquelle laranjal, por aquelles mirantes quasi naturaes, por tudo o que n'aquelle sitio andou bordando, poetisando, a Natureza, desdenhosa da arte, n'um dia de orgulho.

«E no mirante mais alto, engastado com alegretes no cume de uma rocha viva, cortada a pique sobre o rio, avistando plenamente Coimbra e toda a margem opposta, parámos, e composémos a seguinte sextina, que lá deixámos escrita, datada, e assignada:

Sobre as azas da Poesia
aqui nos trouxe a Amisade.
Cantâmos nas lyras de oiro
esp'rançaş da mocidade;
e aos bardos da «Primavera»
mandâmos uma saudade.

«Nós eramos seis; e por isso coube a cada um o seu verso n'este tributosinho, que de tão longe enviavamos áquelles poetas; nenhum de nós consentira em ceder a

sua parte; nenhum de nós quiz ser d'elles menos devoto: a sextilha é de todos.

«Mal a tinhamos concluido, quando da parte das amaveis donas da quinta das Cannas recebemos a graciosa offerta da sua casa, e da sua tão grata companhia. Mas a festa de Maio tinha levado comsigo, tinha feito monopolio de taes venturas; nós não podiamos acceitar; não; porque, com inteira consciencia de nossos minguados destinos, só ali haviamos aportado para saudar e invejar uma linda época do *passado*, e não para crearmos um *presente* nosso, que o não podiamos.

«O snr. José Freire de Serpa e eu fomos escolhidos para, por todos, irmos depositar aos pés das bondosas damas os mais cordeaes e respeitosos agradecimentos. Assim o fizemos; e despedidos das delicadas hospedeiras de poetas, reunidos novamente, embarcámos, navegando logo pelo rio a cima, em direcção á antiga quinta dos Jesuitas, denominada de Villa-Franca.

«Durante esta viagem, o snr. José Freire de Serpa leu algumas poesias suas de muita belleza; e tanta, que os ramos dos salgueiros, attrahidos pelo condão dos versos, vinham debruçar-se curiosos nas janellas da nossa camara movediça.

«A paizagem, que tambem iamos saboreando, era magnifica: á direita ficava-nos o valle da Copeira, matizado de quintas alvejando por entre as esmeraldas do arvoredo; o campanario de S. Jorge, a empinar-se religiosamente modesto; umas ruinas, toucadas de priscas mas verdejantes heras; e dois

ou tres oiteiros macios de relva e florinhas a cerrar o fundo do quadro; á esquerda as quintas da Boa-vista e Varandas; um oiteiro coroado de pinheiros; um areal extenso, aqui e além retalhado por fitas de agua rebelde; seis cabanas de colmo, aldeia temporária de uma tribu nómada, dispersas pela areia; algumas lavandeiras estendendo roupa sobre os tectos d'aquelles seus abrigos do sol e da chuva; e na volta que o rio faz, lá ao cabo, para nos esconder a tão majestosa e variegada galeria, a alameda secular de Villa-Franca a emmaranhar-se verdenegra.

«Foi ahi que de novo saltámos em terra, e que, á sombra d'aquellas arvores soberbas, repetindo versos, cantando, ouvindo as melodias do snr. Luiz da Costa Pereira no seu angélico violão, sempre contentes e ditosos em nossa fraternidade, foi ahi que, com a velocidade do relampago, nos colheu a hora de jantar.

Reembarcámos portanto, e tomámos o rumo da quinta das Varandas.

«Essa perspectiva foi ainda mais sublime. Tudo o que haviamos admirado ha pouco, nos ia agora sahindo, como ao encontro, á medida que as tortuosidades do rio se transpunham. Era um poema, que se lia canto por canto. Até que de repente, corrida toda a cortina verde d'aquelle templo, se alevantou ao fundo, como sacrário de bellezas, a cidade de Coimbra, donzella perguiçosa encostada ao seu monte, mas altiva com a sua torre, com a sua Universidade, com os seus conventos, com o seu aqueducto, com a sua

pinha de casarias, com a sua ponte, com o seu rio, com o seu campo, com tudo seu.

«Pareceu-me (e era com effeito) tudo isto um canto de fagueira harmonia, que louvava o Creador; ¡era um psalmo de David!

«Chegados á quinta das Varandas, em breve nos assentámos á meza. Correu o jantar entre vivas alegrias, e amigavel conversação onde sempre entrava muito amar, muito falar, muito scismar com a Poesia; onde nadava muita fé pelo futuro, muita expansão de gosos e sonhos intimos, e onde os laços, que na amisade nos ligavam, recebiam o derradeiro nó.

«Entre esta tão saborosa satisfação vinha apenas misturar-se uma só magoa; e era: não vermos ao nosso lado o snr. Antonio Gonçalves Dias, que uma repentina enfermidade havia prendido no leito. O seu nome, tão saudosamente ali repetido, era a violeta magoada entristecendo as rosas festivaes; era a lagrima que desbotava o sorriso.

«Antes de começarmos a ultima coberta do nosso jantar, houve a leitura da poesia, que cada um de nós expressamente, e em segredo, havia composto, para ali ser recitada: e era, para assim dizer, o verdadeiro objecto da festa. Esta leitura foi por mim encetada com a poesia *Hosannah*. Seguiu-se o snr. Luiz da Costa Pereira com a poesia *Branca Alvarinho*. Depois o snr. A. X. Rodrigues Cordeiro, com a poesia *O poeta*. Depois o snr. J. F. de Serpa, com a poesia *O meu berço*. Depois o snr. Augusto J. Gonçalves Lima, com a poesia *Canto de Amor;* e finalmente o snr. Antonio Maria do Cou-

to Monteiro, com a poesia *O canto do cisne*. Todas estas poesias serão publicadas na 3.ª e 4.ª folhas do *Trovador*.

«No fim da leitura de cada uma das poesias, era o poeta festejado com os brindes de todos, e com foguetes, que das janellas se lançavam ás nuvens, para levarem até lá o regosijo innocente d'aquelle dia, talvez o melhor da nossa vida. Concluido o jantar, enfeitámos de ramos os nossos chapeos, e, com abraços e enthusiasmos recíprocos, nos dirigimos para o barco, deixando suspirosos aquella quinta, que será sempre no porvir, para cada um de nós, um marco de dulcissimas recordações.

«Cahia já a noite, quando, ao som de foguetes, atravessámos um dos arcos da ponte, e, passando pela frente da cidade, fomos desembarcar ao sitio do Encanamento, contentes de todos e de tudo, mas adivinhando na mente que o prazer d'aquelle dia era já uma pagina do passado, que nunca mais ha-de voltar.

«Coimbra 27 de Junho de 1844:

João de Lemos.»

(Rev. Univ).

CXLI

LIVROS BARATOS

(Julho de 1844)

Consta-nos que a Bibliotheca Publica de Lisboa se acha entendendo directamente com algumas das principaes casas de commercio de livros estrangeiras, para se fornecer das obras modernas mais indispensaveis nas sciencias e litteratura, e que tem toda a esperança de as conseguir por preços incomparavelmente inferiores aos dos proprios catalogos dos livreiros de França, Inglaterra, e Allemanha.

Este systema, evidentemente preferivel ao seguido até hoje, de comprar em terceira ou quarta mão, e de dar muitas vezes cem pelo que só custára primitivamente cincoenta, ou vinte e cinco, deixa-nos esperar que viremos annualmente a adquirir o duplo ou o quádruplo do que até agora apenas recebiamos, de instrucção estrangeira.

Uma tal vantagem, porém, não se devia limitar á Capital. Todas as Bibliothecas pu-

blicas do Reino, que tivessem dinheiro para empregar em compra de livros, deveriam adoptar por si mesmas egual expediente, ou (melhor ainda) remetter as suas encommendas á Direcção da Bibliotheca Publica de Lisboa, que ouvimos está resolvida a encorporal-as na massa das suas proprias; no que, haverá beneficio de parte a parte; porque, quanto mais avultadas forem as encommendas, tanto maior deve ser o abatimento para cada fracção d'ellas.

Por derradeiro, e por esta mesma rasão, nos parece que não deveria haver duvida alguma, na Direcção da Bibliotheca Publica, em tornar extensiva esta commodidade a todas as sociedades scientificas e litterarias, ou pessoas particulares estudiosas, que d'ella se desejassem aproveitar, para augmentarem, sem grande sacrificio, as pequenas bibliothecas do seu uso.

Offerecemos este additamento ao plausivel alvitre da Direcção da Bibliotheca Publica, esperando que não tardará em generalisar o mais possivel o seu offerecimento e convite, para um mercado de tão manifestas vantagens.

(*Rev. Univ.*)

CXLII

BIBLIOTHECAS PUBLICAS

(Julho de 1844)

A pouco e pouco se hão-de ir remediando, quanto ainda fôr possivel, os estragos que na materia prima da instrucção, nos livros, causou o nosso politico terremoto.

Algumas Bibliothecas Publicas vão trabalhando por se organisar, e precaver da ruina o remanescente, ainda assim copioso, das muito desaproveitadas, e muito roubadas, livrarias dos conventos. Oxalá que a principal, a de Lisboa, chegue breve a ter meios para sahir da consumidora catacumba onde jaz, para logar mais vital, mais do mundo e da luz, e mais digno d'ella.

A de Evora, graças ao incançavel zelo do seu benemerito e eruditissimo Bibliothecario [1], essa, superadas mil difficuldades, vai já vingando o ápice da perfeição que lhe é possivel attingir. Pelos fins do mez passado

[1] O notavel Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.

se concluiram as estantes novas; dentro em pouco todos os livros estarão no seu logar ordenados, e os respectivos catalogos findos.

¿E Braga? Attento o grande tráfego litterario, que hoje nos consta haver n'aquella cidade, fomentado principalmente pela presença do Lyceu, é de esperar que o exemplo de Evora a estimule para imitação. Cada anno de demora occasiona perdas irreparaveis.

(*Rev. Univ.*)

CXLIII

UM INGLEZ A FAVOR DOS PORTUGUEZES

(Julho de 1844)

Não é possivel ler sem admiração, e affecto quasi agradecido, o opusculo que no Porto se acaba de imprimir, composto em inglez por Mr. Isles Smith, com o titulo de *Observações sobre o 14.º Relatorio do Conselho privado do Commercio de S. M. B. por Mac-Gregor.*

Nada mais cruelmente falso, mais indesculpavelmente absurdo, que o tal *14.º Relatorio* de Mr. Mac-Gregor. Quanto aos factos nas relações commerciaes de Inglaterra com Portugal, mentiras do mais opprobrioso impudor. Quanto ao que é a nossa terra, a nossa gente, os nossos costumes, erros voluntarios, que seriam puerís, se não fossem depravadamente malévolos, que seriam de palmatoada, se não fossem de cajado. Quanto ás tendencias, o mais villão desfavor para com esta perenne mina britannica chamada Portugal, e o mais visivel empenho de acabar

de arruinar-nos, a nós, incorrigiveis consumidores da sua industria, preferindo aos nossos vinhos os da França.

A todos estes despropositos acode generosamente Mr. Isles Smith, commerciante britannico na cidade do Porto. ¡Bem haja! mostra-se tres vezes nobre: nobre como amigo da verdade, nobre como amigo da terra onde vive, nobre como vingador da terra onde nasceu, porque, se contra aquellas villanias de um Inglez nenhum Inglez se levantasse a pulverisal-as, bem miseravel ideia daria isso de toda a Nação; e a Providencia já não poderia fazer melhor obra, que lamber com um corisco os tres Reinos da superficie dos mares.

O opusculo do snr. Isles Smith, pela sua moderação, pela sua veracidade, pela sua philosophia, merece tão estimado em Inglaterra como entre nós.

O *Diario do Governo*, e o *Periodico dos pobres* no Porto, já o publicaram em vulgar; outro tanto fariamos nós; mas, não o podendo, recommendamos aos nossos leitores o procurem n'aquellas duas folhas.

(*Rev. Univ.*)

CXLIV

CATALOGOS DE BIBLIOTHECAS

(Agosto de 1841)

A *Revista* não tem nem quer para si libré politica; mas não pode consentir em que só por jogo *politico*, ou (mais ao certo) só por mal cabida inimisade pessoal, originada na Politica, se falsifiquem as ideias das coisas uteis, e, convertendo o branco em preto, se commettam ao mesmo tempo dois roubos: ao Publico, o do seu aproveitamento; ao do inventor ou introductor da novidade, o apreço, que é o seu unico premio.

Proposéramos no artigo 2:880 o invento do Bibliothecario mór de Lisboa acerca da encadernação mechanica dos catálogos, como de prestimo, e muito para ser adoptado nas livrarias, cartorios, casas de commercio, e outras repartições importantes.

Ninguem contradisse o que se não podia contradizer; mas passam mezes, e n'um jornal desta cidade, de 27 de Julho, para se castigar ao Biliothecario Mór por ter acudido

a um grande incendio, que, de mais, ameaçava o Arsenal da Marinha e o Banco, diz-se que:

«O snr. Amezalac — (morador na casa incendiada) — «que tinha uma formosa e espirituosa bibliotheca, padeceu nella grandes perdas;»

e accrescenta-se, com ironia manifesta, que as padeceu,

«porque não conhece aquelle famoso methodo dos catalogos inventados pelo snr. Castilho, por meio dos quaes só os Bibliotecarios Móres podem desencadernar as folhas dos catalogos.»

A resposta a esta censura (se de censura pode chegar a merecer nome) não deve ser pessoal. Afrontariamos a probidade do snr. José Feliciano de Castilho Barreto de Noronha, Bibliothecario Mór, defendendo-a quando atacada de outros modos; ¡quanto mais assim! Repetiremos só o que é manifesto, e nos parece inquestionavel; a saber: que o novo systema por elle introduzido é, a todas as luzes, preferivel ao antigo;

1.° — porque sería já alguma coisa, que só uma pessoa, em logar de muitas, podesse viciar um catalogo de Bibliotheca, mormente quando essa pessoa, por sua posição e por sua maior responsabilidade, é mais interessada que nenhuma na boa e fiel conservação do que lhe confiaram;

2.° — que, ainda que essa quizesse prevaricar, não o poderia, porque, se a chave da machina está na sua mão, a machina está na sala respectiva, e debaixo dos olhos de um guarda, que lhe serve de fiel;

3.º — que os bilhetes são numerados;

4.º — que o bilhete subtrahido deveria necessariamente ser subtrahido por outro, indicando o novo livro que se houvesse posto no logar do furtado, cujo titulo só por milagre poderia ir caber no mesmo logar;

5.º — finalmente esse bilhete intruso, feito por mão differente da do Official da sala, de cuja lettra são todos os outros, ao primeiro lance de olhos descobriria a fraude inevitavelmente.

Não queremos fazer afronta ao bom juiso dos nossos leitores, insistindo na demonstração de axiomas. A leitura d'essa parte, que já publicámos, do Relatorio da Bibliotheca basta para dar a conhecer quanto (certamente por irreflectida e precipitada) foi van e indecente a ironia.

Se os catalogos d'este systema estivessem em uso ha muitos annos, o deposito dos livros nacionaes não se acharia hoje com o deploravel e vergonhoso desfalque que todos sabem, mas que nunca jamais se poderá repetir, sem que o ladrão seja immediatamente descoberto e convencido.

(*Rev. Univ.*)

CXLV

NECROLOGIO ARTISTICO

D. Maria Margarida Ferreira Borges

(Agosto de 1844)

A nossa illustre consocia, Académica de Merito nas Academias de Bellas Artes de Lisboa e Porto, a senhora D. Maria Margarida Ferreira Borges, escultora discipula de si mesma, que perpetuou n'um excellente busto a lembrança de seu digno irmão, o sabio jurisconsulto José Ferreira Borges, e da qual já falámos mais estendidamente, apoz uma pertinaz e trabalhosa enfermidade, no dia 15 de Julho pelas 2 horas da manhan expirou na cidade do Porto, onde tinha nascido.

Como artista, não teve em Portugal predecessora, não teve émula, nunca virá a ter por ventura quem a imite.

(Rev Univ.)

CXLVI

CATALOGOS DE BIBLIOTHECAS

(Agosto de 1844)

Fugimos sempre a disputações excusadas; detestamos porém as pessoaes.

Recommendámos como util invento as machinas recem introduzidas na Bibliotheca Publica para as encadernações dos catálogos.

Revocada, mezes depois, em duvida em um jornal d'esta cidade a vantagem de taes machinas, mas não se apresentando ahi um só argumento, ratificámos a nossa opinião no artigo 3:214; mas tão inoffensivos, dentro dos limites da defensa da verdade, que nem nomeámos o papel a que nos referiamos, e que n'esse caso evidentemente havia sido accusador por paixão.

¿ Como se retribue a isto ?

Substituindo a argumentos que se não pódem apresentar, argumentos *ad hominem* contra o papel e contra o seu redactor.

«A defensa da machina vem na *Revista Universal*; a *Revista Universal* é redigida pelo snr. Antonio Feliciano de Castilho; o

snr. Antonio Feliciano de Castilho é irmão do snr. José Feliciano de Castilho; o snr. José Feliciano de Castilho é o Bibliothecario-Mór, que inventou a machina.»

Premissas, d'onde se segue muito logicamente:

«A *Revista* brinca.»

Não; a *Revista* não *brinca* jamais em objectos de publico interesse. A primeira vez que ella o fizer, por qualquer motivo particular, venha o carrasco escarrar-lhe no frontispicio.

A *Revista* apresentou como bom o invento, não porque era do snr. José, ou do snr. Alvaro, mas porque foi adoptado pelo illustradissimo Conselho da Bibliotheca Publica, juiz certamente mais competente na materia, do que nós e o nosso contendor; e porque, se não é impossivel que se venha a inventar um melhor systema, parece pelo menos indubitavel que, por ora, e em comparação com o anterior, pelas rasões largamente desenvolvidas no relatorio impresso, não pode este deixar de ser havido por bom e por bonissimo.

O chamar-lhe *miseria das miserias*, como faz a folha adversaria, nada prova contra elle. O que é necessario é fazer o que ainda se não fez, nem se fará nunca; a saber:

1.º—provar que é desvantajoso;

2º—(porque ainda não bastaria) que é mais desvantajoso que o precedente.

A essa questão, se quizerem ir a ella, acudiremos. Com todas as outras não temos nem queremos nada.

(*Rev. Univ.*)

CXLVII

HOMERO E VIRGILIO

(Agosto de 1844)

Hoje, que em Portugal já ninguem crê no grego, pouquissimos no latim, e até quasi ninguem no portuguez, deve agradar, como raridade, a noticia de que a *Odysséa* e a *Eneida* estão sendo vertidas em excellentes versos brancos, e primorosa linguagem portugueza.

O traductor de HOMERO é o snr. Antonio José Viale; o de VIRGILIO o snr. José Victorino Barreto Feio.

Um e outro tiveram a bondade de nos regalar com preciosas amostras do seu trabalho, a que nos comprasemos de dar em publico os louvores, que diante d'elles não ousáramos completos.

O 1.º Livro da *Odysséa*, concluido pelo snr. Viale, está, no estylo e phrase, tão repassado da sincera naturalidade antiga, e, não obstante a sua fidelidade ao original, tão claro, tão fluente, e para bons ouvidos

tão aprasivel, que o nosso principal fim, no fazermos esta denuncia, é obrigarmos todos os muitos amigos do snr. Viale a se empenharem com elle, para que não levante mão d'aquella ardua empreza antes de concluida.

Quanto ao snr. Barreto Feio, a sua pericia litteraria era já ha muito conhecida por bons documentos. Entretanto, Alfieri, Sallustio, e Livio, que S. S.ª nos deu ha annos em verdadeira linguagem patria, nada teem que ver, por parte das difficuldades, com VIRGILIO, o mais perfeito, o menos transfusivel dos poetas. Por isso tambem esta versão, cujos primeiros seis livros apenas teem recebido a ultima lima, achando-se ainda os ultimos quaes sahiram da forja, ficará sendo indubitavelmente o mais admirado e duradoiro padrão litterario d'este escritor, a quem nem annos e enfermidades, nem trabalhos e desgostos, poderam ainda quebrantar.

A *Eneida* tem sido, pode-se dizer, o pensamento de toda a vida do snr. Barreto Feio. Militando na guerra peninsular, a *Eneida* era já a sua companheira e os seus amores nos forçados ocios dos acampamentos nocturnos, dos aboletamentos solitarios, dos passeios sem destino nos dias de folga, e nas séstas á sombra das arvores dos caminhos. Como o capitão Kleist, que se ia pelos campos *á caça poetica de imagens*, assim amenisava a vida nómada de soldado, procurando no seu copioso thesoiro de Lingua patria, com que exprimir os pensamentos e affectos do grande mestre, sempre tão

naturaes e desaffectados, mas sempre tão correctos e harmoniosos, que o dito do seu amigo Horacio lhes podia servir de commentario perpetuo:

> .... *ut sibi quivis*
> *Speret idem, sudet multum, frustraque laboret*
> *Ausus idem.*

Essa traducção, ou, por melhor dizer, essa campanha da *Eneida*, perdeu-se. Viajando para o Brazil, a necessidade de enganar os enfadamentos do mar lhe fez repetir a mesma occupação; e quando saltou na praia do Rio de Janeiro, ia já outra vez consolado, e opulento com os cinco primeiros livros. Ainda d'estes o despojou um novo desastre; e a traducção que hoje se acha no prelo é a terceira, que infatigavel commetteu, e que d'esta vez ficará para sempre livre de perdimento.

Os seus principaes meritos, quanto a nós, são: a fidelidade minuciosa, que lhe não permitte cercear, nem accrescentar, ideia nem quasi palavra ao original, nem inverter-lhe, em muito ou em pouco, a ordem; a clareza, que não obstante o acompanha sempre; a térsa elegancia do estylo; a linguagem patria notavelmente pura; e a metrificação, em geral suave, apertada, e energica.

Oxalá que ambos estes preciosos poemas cheguem cedo ás mãos dos estudiosos, não para serem imitados n'aquillo que a diversidade de crenças, usos, e costumes, teem já morto; mas para ver se estas duas cataplas-

mas (como chistosamente lhes chamou um rapazinho, que já traduz francez sem usar muito do diccionario) podem ser emollientes para tantos achacados da inflammação e turgidez de uma coisa a que se chama falsamente *Escola moderna*.

Rev. Univ.

ALEXANDRE HERCULANO

CXLVIII

EURICO, O PRESBYTERO

(Agosto de 1844)

Está aberta nas lojas do costume, tanto na Capital como nas Provincias, a subscripção para este tão desejado romance original do nosso amigo o snr. Alexandre Herculano, de que já démos algumas amostras n'este jornal, em fragmentos publicados no 2.º volume.

Dos seus méritos, quando não bastassem os inabalaveis créditos litterarios do autor para os abonar, os fragmentos a que acima alludimos dão irrefragavel documento.

Esta obra excede a todas as outras do mesmo genero, que temos d'este fecundo escritor. Deita um volume de 400 paginas em 8.º

(Rev. Univ.)

CXLIX

SHAKESPEARE

(Agosto de 1844)

Com o maior alvoroço annunciamos que o nosso excellente e já hoje mui conhecido litterato, o snr. José Maria da Silva Leal, traz entre mãos a traducção completa do *Theatro de Shakespeare*, em que põe todo o amor e diligencia de que tal obra é merecedora, todo o saber e habilidade que os seus largos estudos, felizes disposições, e assiduo uso, lhe teem dado.

É para desejar, que elle não deixe de tornar este seu presente á Litteratura patria ainda mais valioso, ajuntando a cada peça as observações philosophicas, e o juiso critico severo, que a sua intelligencia e bom-gosto lhe suggerirem, e que tão uteis podem vir a ser aos principiantes, e até aos que já longe vão correndo nos estádios d'este genero de Poesia, ¡ tão necessaria, e tão difficil!

(*Rev. Univ.*)

CL

VIAGEM MUSICA

(Agosto de 1844)

O snr. Vicente Tito Masoni, posto que nascido em Italia, pertence ha annos a Portugal, onde se estabeleceu e reside, onde tem filhos, numerosos amigos e admiradores, em cujo Conservatorio dramatico é mestre, e Musico da Real Camara de Sua Majestade.

Ser *portuguez* por escolha, e pelo coração, vale para nós mais do que sel-o pelo fortuito nascimento, quando se não procura legitimar por meritos esse bello titulo.

Como louvor, portanto, de um *compatriota,* nos agrada mencionar a magnifica hospedagem, que em Londres recebeu o seu talento.

Londres é hoje admiravelmente philarmonica. Os ares da Inglaterra não criam profusão de cantores espontaneos e distinctos, como os da Italia; a educação não faz com que, até na classe infima (como na Allema-

nha) todos ahi toquem algum instrumento; mas a immensa riqueza, a necessidade e habito de supprir pelas delicias do luxo importado o que falta de amenidade ao clima, e talvez ao espirito dos habitantes, teem feito com que em Londres affluam, e por lá abundem, os mais insignes professores musicos de todas as partes do mundo, e os concertos que n'aquella Capital se dão, sobrelevem em geral aos de qualquer outra parte.

Alguma coisa é pois o sobresahir entre elles, e grangear, sendo estrangeiro, os applausos d'esses Lords desdenhosos, os gabos d'esses jornaes insolentemente despresadores de tudo que não é Britannico; e isso é o que, pouco ha, conseguiu o snr. Vicente Tito Masoni.

O seu concerto a 20 de Junho ultimo, executado na casa de Horatio Wilson, Esquire, em *Wimpole street*, reuniu cantores de ambos os sexos, e instrumentistas dos mais nomeados, pelos quaes, como por todos os assistentes, a sua rabecca foi escutada com religiosa attenção, e applaudida com furia.

Eis o que a seu respeito dizia, entre outras coisas, o *Times*:

«E' um tocador de consideravel mérito. Os seus sons, ainda que não muito cheios, são suaves; e a execução é rapida e segura. Em tudo quanto tocou, manifestou profundo sentimento musico, e grande poder de expressão.»

Nenhuma d'estas phrases se pode taxar de exagerada, nem sequer de precisamente

satisfactoria; uma, porém, por injustissima, não deve passar sem rectificação.

Os sons do snr. Masoni (todos nós os temos ouvido) são cheissimos; se d'esta vez o não pareceram, devia o noticiador inglez ajuntar á censura a sua verdadeira e sabida explicação; porque o snr. Masoni, no momento em que principiava a tocar, teve o desgosto de ver cahir a *alma* da sua rabecca; pelo que, lhe foi forçado valer-se da primeira que lhe appareceu, que, por menos perfeita, e por desacostumada ás mãos que a tocavam, não poude chegar ao que a sua predecessora sustentou sempre; mas este passageiro desprazer não serviu senão para lhe carear novas admirações nas assembléas onde ainda depois appareceu: na casa da *Instituição Britannica dos Estrangeiros*, na do Honorable Colonel Leister Stanhope, e na de Mr. Cohen em Richmond.

E' isto, pelo menos, o que se lê em carta que temos presente, escrita de Londres por pessoa muito fidedigna.

Não sabemos por que rasão os nossos professores de Musica eminentes não rompem de uma vez este habito de sedentária indifferença, que os faz nascer, viver, e morrer, sempre no mesmo canto, quando, se viajassem por onde os talentos se apreciam, adquiririam créditos para a sua Patria, fama, oiro, e proveitosos incentivos para si mesmos.

Cada vez que ahi entra um charlatão pianista, a cobrir-nos as esquinas de cartazes retumbantes, e a quebrar meia duzia de pianos dos mais *fortes*, ¿por que não havia

de sahir na mesma hora, para as proprias terras d'onde elle veio, um Manuel Innocencio, um Migoni, um Miró, e outros, que mostrariam o que é saber e gosto, e tirariam a muito especulador a vontade de vir aqui tentar fortuna, como em terra bárbara?

(Rev. Univ.)

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL

CLI

UM SONHO NA VIDA

(Setembro de 1844)

Assim se intitula um ameno, e em partes muito mimoso, romance, que o snr. José da Silva Mendes Leal Junior acaba de publicar, com 87 paginas de 8.º grande.

E' uma obra desambiciosa, um mero passatempo de alguns dias de ocio nos bellos campos de Loures. Nenhum enredo, nenhum grande nome historico, nenhum successo extraordinario, nenhum caracter grandioso, coisas que todas haveriam sido mui faceis para um genio tão creador, como tantas vezes no theatro nos tem mostrado possuir o snr. Leal. Pequenas personagens, e grandes affectos; successos communs, e sempre a verdade e a natureza. Eis ahi tudo, e não é pouco.

Era esta obra susceptivel, segundo o proprio autor reconhece, de um amplo desenvolvimento, que a tornaria mais agradavel á multidão, e ao mesmo tempo mais instru-

ctiva para os estudiosos; mas a modestia do autor, a falta de tempo, a prodigalidade (que é muitas vezes o defeito dos ricos), talvez um pouco a perguiça, talvez tambem o trazer já algum outro projecto a ferver-lhe na phantasia, prohibiram-lhe dar a este o que talvez algum dia venha ainda a restituir-lhe. Entretanto, com o modestissimo titulo que lhe elle pôz, devemos confessar que não era obrigado a mais do que lhe aprouve dar-nos.

¡Um *sonho* na vida é tão fugitiva coisa!... Entretanto, feliz o talento, que, em se retirando dos negocios para a somnolencia do precioso *far niente*, sonha ainda por este modo.

(*Rev. Univ*)

CLII

ORTHOGRAPHIA PORTUGUEZA

(Outubro de 1844)

As conferencias, que na Imprensa Nacional se faziam, para a composição de um Vocabulario que houvesse de regularisar um systema de Orthographia, interromperam-se quando o Secretario d'essa Sociedade Litteraria, o benemérito, e hoje tão chorado, Administrador da mesma Imprensa partiu para França; e, por diversos embaraços, que depois da sua tornada sobrevieram, nunca mais se renovaram.

E' entretanto de esperar, que o seu digno successor e irmão, o snr. Firmo Augusto Pereira Marecos, avaliando devidamente a importancia de um trabalho tal, e já tão adiantado, convidará de novo os zelosos vogaes a reunir-se e perseverar, até que a projectada empreza chegue ao fim.

(Rev. Univ.)

CLIII

CURSO DE NUMISMATICA

(Outubro de 1844)

Por meado Novembro proximo se vai abrir na Bibliotheca Nacional um curso publico de Numismatica; Lente, o snr. Francisco Martins de Andrade Conservador na secção de Manuscritos e Antiguidades da mesma Bibliotheca.

Posto que nunca d'estes estudos tivesse ainda havido em Portugal um Curso regular, mas unicamente algumas tentativas de curiosos, solitarias e desconnexas, a applicação assidua do snr. Andrade, collocado ha annos no riquissimo gabinete de medalhas, os seus vastos conhecimentos historicos, a natural lucidez e exacção de suas ideias, permittem-nos esperar que os seus exforços não serão baldados, e que este precioso ramo, apenas plantado, começará a dar seus frutos e medrará de anno para anno.

O sitio é para tal ensino o mais accommodado. Ali se acham 24:000 medalhas de

todos os povos, e de todas as edades archeologicas, sem falar das que se esperam, por copias em vulto, chamadas *in promptu*, dos outros gabinetes da Europa, a quem já se propôz a troca; ali, uma collecção, já rica, mas que brevemente será completa, de todas as principaes obras relativas ao assumpto; ali, emfim, a sós dois passos, e debaixo do mesmo tecto, uma copiosa livraria historica e polygraphica, e n'ella empregadas pessoas de notavel saber, e que teem por uso prestar-se, com a melhor vontade, a ajudar os estudiosos em suas investigações.

A modestia, companheira certa do verdadeiro merecimento, lutou muito tempo no snr. Andrade com o seu desejo de ser util; e haveria ella por ventura vencido, se o formal e irrevogavel empenho do Bibliothecario mór [1] de tornar aquelle estabelecimento, quanto fôr possivel, prestadío, não tivesse vencido, como era rasão, estes infundados escrupulos, e arrojado, com forte impulso, do estaleiro ao mar, a nau já apparelhada e prestes para viagem, a quem nós a desejamos e auguramos felicissima.

(*Rev. Univ.*)

[1] O Doutor José Feliciano de Castilho Barreto de Noronha.

Os Editores.

CLIV

Necrologio de José Frederico Pereira Marecos

(Outubro de 1844)

Pela 1 hora da tarde de 27 do passado Setembro, apoz quarenta e sete dias de molestia intestinal, começada em cólica e terminada em gangrena, falleceu o snr. José Frederico Pereira Marecos, no meio da consternação da sua extremosa familia, dos seus muitos amigos, dos seus subalternos, e com geral sentimento de quantos, por trato ou fama, o conheciam.

Intimamente ligados com elle desde os primeiros annos dos nossos communs estudos na Universidade de Coimbra, ninguem, com mais verdade do que nós, poderia hoje dar solemne testemunho dos seus muitos e muito variados meritos, assim intellectuaes como moraes.

Nunca ninguem combinou mais perfeitamente um espirito ameno, sempre culto e sempre poetico, e um juizo recto e seguro em todas as coisas da vida positiva. Era dis-

tincto no gabinete, na sociedade, no interior de sua familia, na cadeira do magisterio, ou na tribuna politica, poetando ou discorrendo nas academias, escrevendo sobre os negocios do Estado, ou administrando aquella parte d'elles que lhe era confiada. Foi Official da Secretaria do Reino, Professor de Eloquencia e Poetica, Jornalista, e Redactor do Diario do Governo, Deputado, e ultimamente Administrador da Imprensa Nacional; e em todos estes diversos mistéres deixou de si egual e honrada fama.

A Imprensa Nacional, sobre tudo, lhe deveu os rapidos progressos que teve n'estes ultimos tempos, e que um dia referiremos, escritos, pelo seu e nosso illustre amigo o sr. Silva Leal.

A morte, que para todos é uma grande absolvição, para muitos uma semi-apotheose, não teve n'esta parte que fazer para com o nosso amigo. O seu estréme elogio, que hoje está em todas as boccas, é continuação fiel do que em vida se lhe havia começado.

Nascido em Santarem, de uma illustre familia, em quem o talento e as amaveis qualidades eram hereditarios, em Lisboa aos quarenta e dois annos de edade a deixou orphan.

Jaz no cemiterio de Nossa Senhora dos Prazeres, para onde, depois de solemnes exequias, foi levado á mão, desde a egreja de S. Mamede, pelos empregados da Imprensa Nacional, todos carregados de luto, e no meio de uma profusa comitiva, onde abundavam pessoas notaveis por nascimento, posição social, sciencia e lettras.

As obras, que d'elle nos ficaram, foram apenas um pequeno volume de Poesias da sua primeira mocidade, as quaes muito fazem sentir, que as suas ulteriores occupações o tivessem distrahido de tão bons começos; e um grande numero de artigos politicos em diversos jornaes, admiraveis sobre tudo pelo térso e elegante do estylo, e pela inconcussa firmeza (¡ tão rara nos prelos periodicos d'este Reino!), com que sempre se absteve de confundir, na discussão, as pessoas com os principios, a vida privada e defeza, com os actos publicos. Foi um modelo (baldado modelo) a jornalistas; e podera-o ter sido egualmente a escritores litterarios, se as commoções politicas o não houvessem deturbado da sua originaria vocação.

(Rev. Univ.)

CLV

VERDADES SONHADAS

(Outubro de 1844)

Sahiu á luz o 1.° volume da obra intitulada *Verdades sonhadas — Scenas moraes, criticas, e recreativas, por Vasco José de Aguiar*. —280 paginas de 8.°; vende-se nas lojas do costume.

O gosto que nos dera a leitura da *Viagem á Nova Hollanda*, obra phantastica, recreativa, e moral, que o Pubico recebeu com o devido apreço, nos impelliu a procurarmos, logo que nos constou achar-se impresso, e a lermos de um folego, este segundo escrito do mesmo autor.

Sonhar verdades n'uma imprensa, onde o que mais se faz quotidianamente é *vozear mentiras*, estando bem *acordado*, era mais um estimulo para curiosidade; não nos sahiu ella enganada. Os oito sonhos febris, que o autor nos diz haver curtido n'uma grave molestia, veem desenhados e coloridos por modo, que dão quasi tentações de invejar tão proveitosa molestia, e tão salutifera.

Não podendo nos acanhados ambitos d'esta folha caber tudo que, litteraria e philosophicamente, cumpriria se dissesse sobre tal livro, limitamo-nos em apontar aqui, para estimulo a todos os que sabem ler, os titulos dos capitulos, de alguns dos quaes (se não fosse o já considerado impedimento) de boamente dariamos excerptos, ou copia inteira, certos de que os nossos assignantes nol-os agradecessem:

Sonho I — *O sarau e o jogo*;

II — *Viagem ao Sol, a Jupiter e a Ceres*; pedaço escrito com a penna do Dr. Swift, e que figuraria muito honradamente entre os mais bellos capitulos do seu *Gulliver*;

III — *O Theatro*, onde em acção e exemplos se mostram os perigos da fátua maledicencia, e os de entregar o coração a illegitimos desejos. A reconciliação do marido infiel com a mulher virtuosa, e as scenas domesticas e infantis que a adornam, são bem tratadas, e não esquecerão facilmente a quem uma vez as tiver lido;

IV — *O Namorado*;

V — *A Audiencia*. Sem embargo de alguns rasgos de espirito, e fidelidade de alguns retratos geraes, este capitulo nos parece inferior ao seu assumpto, e a conclusão, que n'elle se tira acerca do Jury, demasiadamente contraria ás provas da experiencia;

VI — *Os doidos;* divertido e pathetico, e cheio de excellentes observações moraes;

VII — *Os tumulos*; assumpto, que poderia o deveria ser mais ricamente tratado. Não obstante, ahi se acham algumas ideias novas,

relativas ao enterramento dos homicidas, que merecem ponderadas;
VIII — *O carnaval.*

Este livrinho, em que se fundem o tratado de moral e o romance, é portanto destinado a occupar, ao mesmo tempo, a estante do homem sizudo e estudioso, a almofada, o piano, ou o toucador da mãe e da filha de familias, o bolso-furtado da *judia* do casquilho n'um dia de passeio ao campo, e a meza de pinho do artifice no serão do seu domingo.

Oxalá que o autor continue sem intervallo, e que a sua febre, em quanto se não tornar maligna, como a de tantos outros escritores, e o não incommodar (como realmente sabemos o não incommóda), dure incuravel por muitos annos.

Pelo interesse das Lettras o desejamos, e pelo d'elle mesmo, que assaz, segundo ouvimos, lhe tem sido a fortuna rigorosa; e se não fosse o seu cabedal de imaginação e philosophia pratica, mal se podéra consolar.

(Rev. Univ.)

CLVI

A RAINHA E A AVENTUREIRA

(Novembro de 1844)

Desde o ultimo do mez passado se representa no Theatro Nacional o grande drama *A Rainha e a Aventureira*, approvado para premio pelo Conservatorio, e composto pelo snr. Antonio Augusto de Almeida Portugal Corrêa de Lacerda.

Quasi todos os jornaes quotidianamente teem consagrado algumas columnas aos louvores d'esta composição, primicias já opímas de um talento juvenil na mais difficil das artes, na arte em que todas as outras se reunem.

Todo o bem que por esta parte se podia dizer, está dito; todas as censuras, ou, mais propriamente, advertencias benevolas, que tambem se podiam e se deviam fazer sobre taes ou taes descuidos, aliás perdoaveis n'uma obra de tão largo fôlego, e n'uma primeira tentativa inevitaveis, todas egualmente foram escritas com liberdade e mo-

deração, como compete ao verdadeiro critico, pelo snr. R. S.

Do drama, como drama, nada nos fica pois para dizer. A exacção dos juisos da Imprensa foi confirmada, como tambem fôra precedida, pela primeira e ultima instancia em taes processos: a plateia.

Diremos porém, que não é como drama, mas como poesia, e que não é sequer como obra, mas só como revelação e mostra de um talento illustre, que *A Rainha e a Aventureira* nos parece notavel, e dignissima de apreço.

Não temos a habilidade de lisonjeiros; não sabemos prognosticar, á vista d'esta só prova, se a vocação litteraria do snr. Lacerda é, ou não, a theatral; queremo-nos persuadir de que sim; muitos chegaram no Theatro a muitissimo, começando por muito menos; mas se o não fôr, se as suas tentativas ulteriores demonstrarem que o não é, fica-lhe ainda, para occupar um logar honroso na nossa Historia litteraria, um titulo mais que sufficiente, muito nobre, e que (em nosso entender) já hoje se lhe poderia disputar: é o titulo de poeta lyrico, na mais alta, na mais extensa accepção d'essas palavras. Tambem Lord Byron não conseguiu assento, ainda que o sollicitou, entre os dramaticos, mas é o primeiro poeta da Inglaterra; e Victor Hugo, que é indubitavelmente o rei dos lyricos da França, cedeu sempre na scena a palma a talentos muito inferiores ao seu, e algum dia será por ventura riscado, como intruso, do catalogo, em que hoje o inserem, dos dramaturgos.

Como nas tragedias de Victor Hugo, figura-se-nos que tudo quanto n'*A Rainha e a Aventureira* mais nos enamora e nos seduz, pertence rigorosamente ao genero lyrico; genero que não é para ser sentido pelo vulgo; que, pelo seu muito phantastico, pela sua indole quasi toda ideal, repugna a se encarnar n'estas figuras demasiadamente positivas, demasiadamente terrestres, a que chamamos actrizes e actores; que na leitura, e no silencio do gabinete, nos arrebata e nos delicía, porque ahi creamos, a nosso sabor e ao do poeta, as personagens insólitas com quem só se pode casar esse insólito pensar e sentir; mas que, vasado do gabinete para o palco, parte se absorve, parte se volatilisa, como o aroma de um vaso de crystal quebrado no meio de um areal secco e sem limites.

A *Assucena*, que é por certo a flor d'este vasto jardim de poesia, anda-nos por dentro do espirito como um Anjo, quando só a lêmos; mas, quando chegamos a divisal-a personificada n'uma actriz (embora tão delicada, e ás vezes tão mestra como a snr.ª Emilia) desce ainda para baixo de mulher; e essa descida nos mortifica tanto mais, quanto vemos que a sua tendencia, que o seu destino, eram outros, e totalmente contrarios. As estrellas, suas irmans, seu iman, suas conselheiras e influidoras, bem as ha cá dentro no ceo do nosso espirito; mas nunca resplandeceram n'um firmamento de bambolinas, atravez das nuvens de teias de aranha. Cada um de nós conhece as virações e as fragrancias que a innebriam, mas não

concebe como ella as respire nas bafagens do azeite de peixe, do proscenio e dos bastidores. *Incredulus odi.*

Assim, sem querermos d'ahi inferir desar algum para a insigne artista, affirmamos comtudo que o mais rico, o mais memoravel papel da peça, foi o mais desgraçadamente perdido e aniquilado.

Não desejamos que o snr. Lacerda desanime das suas generosas tentativas theatraes; mas o que nós, com intima fé, lhe pedimos, pelo amor sem inveja que sempre tivemos aos talentos que se annunciam como raros, e pelo empenho que sempre teremos em ver medrar a nossa Litteratura e a nossa Lingua, é que, se, meditando o que deixamos escripto, achar que podem estas nossas reflexões conter verdade, todo se entregue á sua especial, á sua manifesta vocação; que ouse ser poeta lyrico, revelar-se-nos por si mesmo, e directamente, e não pelo intermedio d'esses cambiantes prismas scenicos, que hão-de sempre decompôr e esfriar (como d'esta vez) os mais ardentes raios da sua brilhante inspiração, e converter-lhe os seus triumphos em martyrios interiores.

(*Rev. Univ.*)

CLVII

Mais um desmentimento de facto aos calumniadores da Lingua portugueza

(Novembro de 1874)

O snr. Angelo Frondoni, cujo saber e intelligencia em tudo que pertence á Musica são de publica notoriedade, acaba, segundo nos affirmam, de pôr em linda musica bellos versos portuguezes do snr. José Maria da Silva Leal, entresachados n'uma comedia, que ainda este mez ha-de subir á scena no theatro dos Condes.

Todas as palavras, e até syllabas, lhe sahiram tão claras e perceptiveis, tão bem casadas com as melodias, e tão irreprehensiveis, que (diz-nos um bom contraste) tudo aquillo ha-de ser entendido e gosado pela plateia, supposto que os pobres cantores não possam ser, nem realmente sejam, dos mais perítos.

Para nós, que já tambem, e por muitas vezes, tinhamos experimentado os recursos e forças lyricas d'esta Lingua, só pobre, re-

belde, aspera, e mal soante, para os que a não sabem, era já verdade averiguada, pela qual muitas vezes temos pugnado, que nem talvez o proprio italiano lhe leva vantagem; e que pelo menos (e indubitavelmente, como já n'outra parte o escrevemos) bem podiamos nós ter Opera, quando até Francezes a teem, até Inglezes, até Dinamarquezes (que é dizer tudo).

Oxalá que o exemplo do snr. Miró sobre *Os Infantes de Ceuta* do snr. Herculano, o do snr. Pinto sobre os córos d'*A Rainha e a aventureira*, e o do snr. Frondoni sobre estas coplas do snr. Silva Leal, suscitem fecundas emulações n'outros musicos e poetas, e esta parte das nossas artes scenicas nasça ou reviva tambem com tanta pompa, como depois da creação do Conservatorio se levantou, até onde nunca havia chegado, o nosso drama.

(*Rev. Univ.*)

CLVIII

AS DUAS FILHAS

(Novembro de 1844)

Nada é indifferente para a biographia litteraria de um homem de talento.

O snr. Antonio Pereira da Cunha é já bem conhecido como tal pelos nossos leitores, e melhor ainda pelos seus amigos, que tivemos o gosto de lhe ouvir o seu precioso drama, por ora inédito, de *Brásia Parda*. O logar que um dia occupará entre os escritôres dramaticos portuguezes, já hoje numerosos, e entre os quaes se contam alguns, que até em França e Allemanha teriam nome, será um logar honroso, adquirido por muitos e bons titulos.

O seu drama *As duas filhas*, premiado pelo Conservatorio, e representado pela primeira vez no theatro da rua dos Condes a 17 de Abril de 1843, acaba de sahir impresso, como primeira parte de uma collecção, que a final ha-de ser avultada, e que leva por titulo *Theatro de Antonio Pereira da Cunha*.

O prologo, que o autor juntou a este drama, impõe á critica um veto inquebrantavel. Segundo esse prologo, modelo de graciosa singeleza e modesta candura, *As duas filhas* foram obra, ou antes brinco, de verdissima mocidade n'um recanto provinciano, sem guias nem estimulos, com pouco e defeituoso preparo de estudos analogos.

«Eis aqui a historia do drama das *Duas filhas* — diz elle.—Tenham n o como um quadro tosco e mal assombrado, em que me lembrei de pôr um pae, o Duque D. João de Bragança, fraco de espiritos, como a Historia nol o descreve, e ralado de remorsos, como para aqui me fazia mistér, no meio de duas filhas que Deus lhe dera: uma para seu conforto, a outra para seu tormento e vergonha; duas filhas; mas ¡tão distinctas! ¡tão diversas entre si! Ambas amam; ambas padecem; mas differençam-se, como o preto do branco.

«D. Seraphina adora, estremece, morre por um mancebo nobre e gentil, que lhe fôra como talhado no Ceo; vê levantarem-se estorvos á sua união; vê fugir-lhe, e para sempre, a ventura; e geme, ¡coitada! carpe-se, definha se, e mata se, que para mais não dá o ingenuo sentimento do seu peito; sentimento perfumado talvez (não digo vasado n'ella) de uns longes da escola alleman.

«Violante, não; essa não é mulher para pensar e calar-se; pode, quer, e vai para onde o seu coração a arrasta; um amor e uns ciumes, que põem medo: armada do seu punhal, como a Tragedia grega, com certo horror mysterioso em toda a sua figura, como

a Macbeth, e com mistura de sangue ruim, para mais. O meu intento foi moldar Violante pela severidade do Theatro inglez.

«Estas tres figuras são as primeiras, as principaes; o interesse resume-se n'ellas; as palavras amargas, os queixumes das filhas, vão cravar-se no seio do Duque, arrancar d'elle gottas de sangue, e punil-o assim do seu feio peccado.

«Tudo mais são elos necessarios para ligar a acção. D. Christovam é o typo da cavallaria portugueza legitima; D. Luiz o da derrancada; e Frei Gaspar o da madura pelos annos e larga experiencia. O barbeiro é sempre barbeiro; Beatriz, sempre moça e faladora; o mordomo, prudente; e o aguasil, desconfiado e impando de autoridade, mas honrado, e com seus brios de homem de bem.

«Para o fundo do quadro tomei a pobre terra de Portugal, dividida e esmagada pela usurpação de Castella.

«E ahi teem candidamente o que isto é: uma estreia mal esmerada de rapaz, que publíco agora já, e em primeiro logar, para levar a eito, e *chronologicamente* o meu Theatro, que ha de crescer, e para melhor, se Deus quizer.»

Já se vê, que, se o autor pecca em falando de si, não é por excesso de amor proprio; a leitura do drama, porém, mostrará que é antes por excesso de desconfiança e modestia, porque nas *Duas filhas* se encontram mescladas, com alguns defeitos inevitaveis n'um primeiro drama, e que só uma larga experiencia, e constante uso do Theatro nos descobre, e nos ensina a desfazer,

a corrigir, ou a atenuar, muitas partes estimaveis de escritor, e de escritor dramatico: linguagem sincera e propria; estylo claro sem vulgaridade; terso, culto, e energico, sem affectação; em summa: bom juiso no conceber, e felicidade no exprimir ao certo o concebido.

Com estes dotes naturaes, com o muito amor que o snr. Pereira da Cunha professa á terra, gente, e lingua do nosso Portugal, com assiduos estudos, que sabemos anda fazendo, ha já annos, na nossa archeologia provinciana, não é facil calcular o altissimo grau de merito a que hão-de chegar os seus escritos.

Fez elle muito bem, de marcar á vista de todos qual foi precisamente o ponto da sua partida (ainda que não baixo nem obscuro como elle cuida) para que um dia os futuros principiantes se animem, vendo a que méta remotissima o levou a sua assiduidade na carreira.

(*Rev. Univ.*)

CLIX

O TROVADOR

(Novembro de 1844)

Publicou-se a 3.ª folha do *Trovador*, cujas primeiras duas já annunciámos. Conteem as presentes 16 paginas:

Hosanna, pelo snr. João de Lemos;
Um beijo por castigo, pelo snr. Antonio Maria do Couto Monteiro;
O poeta, pelo snr. Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro;
O meu tumulo, pelo snr. João de Lemos;
O canto do cysne, pelo snr. Antonio Maria do Couto Monteiro;
Amalia, pelo snr. A. X. Rodrigues Cordeiro;
Canto de amor, pelo snr. Augusto Lima; e
As ondas, pelo mesmo snr.

*

D'estas composições, todas ellas ocios litterarios de juvenís engenhos, alumnos da nossa creadora Coimbra, e nenhuma das

quaes deixa de ter (mais ou menos) sua valia, a mais notavel, quanto a nós, é o cantico de *Hosanna*.

Não consideraremos n'elle a poesia, muitas vezes remontada, muitas singela, e sempre vívida, colorida, e lustrosa; são meritos; mas são meritos constantes e já communs nos escritos d'este esperançosissimo autor. Admiraremos sómente o seu nobre, e em geral bem succedido hardimento na parte metrica.

Nada é mais facil, que o rimar; nada mais difficil, nada mais raro, que o rimar bem. Os que rimam sem custo, só com muito custo podem ser lidos. O jogo do papelão enfastia passados dois minutos; grande parte das poesias rimadas são arremedos do jogo do papelão. só algum tanto mais serios que o seu protótypo. *Coração* com *paixão*, *amar* com *idolatrar*, e *amante* com *constante*, não é grande avaria acertal-os; vale mais fazer versos soltos, ou não fazer nada.

Os consoantes, ou *chocalhinhos* (como os apodava, ou apupava, Filinto, e contra os quaes tanto clamáram, em versos bem aconsoantados, Boileau, e Lamothe em prosa, do que se não fez muito caso), são, na verdade, se os consideramos sizudamente, um peccado contra a rasão. Todavia generalisaram-se tanto, e tanto teem durado, que não ha já remedio senão releval-o, e commettel-o com boa feição; *veniam petimusque damusque*.

Mas, por isso mesmo também que ha tanto duram, e tão vulgares se fizeram, é que insistimos em affirmar que, para hoje